

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

Umbanda

Preconceitos e Similaridades

Verônica Amaral Sales

Maio de 2017

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos sob orientação do Prof. Dr. Silas Nogueira.

UMBANDA: PRECONCEITOS E SIMILARIDADES¹

Verônica Amaral Sales²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a intolerância religiosa contra umbandistas por parte de católicos e espíritas (kardecistas), a despeito de estas religiões estarem fortemente ligadas às origens da Umbanda. A Umbanda é uma religião brasileira, surgida no início do século XX em virtude das transformações sociais pelas quais o país estava passando, como a abolição da escravidão, ocorrida no final do século XIX. Esta nova religião foi uma das formas encontradas por parte da população brasileira para lidar com as problemáticas daquele início de século conturbado.

Palavras-chave: Umbanda; intolerância religiosa; preconceito; religião brasileira.

ABSTRACT

This paper aims to analyze religious intolerance against *umbandistas* by the part of Catholics and Spiritists (Kardecists); as these religions are related with the origin of the *Umbanda* religion. *Umbanda* is a Brazilian religion, created at the beginning of the 20th century due to the social transformations that the country was experiencing, such as the abolition of slavery that occurred in the end of 19th century. This new religion was a way found by a part of the Brazilian population in order to deal with problems of that beginning of troubled century.

Key-words: Umbanda; religious intolerance; prejudice; brazilian religion.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar la intolerancia religiosa contra los *umbandistas* por parte de los católicos y espiritualistas (Kardecistas); estas dos religiones fuertemente conectadas a las orígenes de la religión *Umbanda*. *Umbanda* es una religión brasileña, que surgió a principios del siglo XX debido a los cambios sociales que vivía el país, como la abolición de la esclavitud que ocurrió en finales del siglo XIX. Esta nueva religión fué una forma encontrada por una parte de la población brasileña para hacer frente a la situación problemática que tenían a principio de ló conturbado inicio de siglo.

Palabra-clave: Umbanda; intolerância religiosa; prejuicios; religion brasileña.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos.

² Bacharel em Comunicação Social com ênfase em Relações Públicas pela Faculdade Cásper Líbero.

INTRODUÇÃO

Por que sim?

Por Anamari Souza

Quatro pontos tem minha religião
 Faço deles a minha filosofia e faço deles a minha ação
 Viva, creia, ame e faça
 Essa também é a minha oração
 Viva a sua filosofia, ame a sua arte
 Creia na sua religião e faça a sua parte
 Mas não use a sua religião para tentar reprimir o outro
 Somos 7 bilhões de mentes no mundo
 E querer que todo mundo creia na mesma coisa
 É no mínimo papo de louco
 Eu respeito todos os que têm fé
 Eu respeito todos que não a tem
 Eu respeito quem crê em um Deus
 Eu respeito quem não crê em ninguém
 Eu gosto de quem tem fé no verso
 Eu gosto de quem tem fé em si mesmo
 Eu gosto de quem tem fé no universo
 E eu gosto dos que andam a esmo
 Um abraço pra quem é da ciência
 Um abraço para quem é de Deus
 Um abraço para quem é da arte
 E um abraço para quem é ateu
 Axé para quem é de axé
 Amém para quem é de amém
 Blessed be para quem é de magia
 E amor para quem é do bem
 Intolerância religiosa é a própria contradição
 Religião vem do latim *religare*, que significa união
 Então pare de dividir o mundo entre os que vão e os que não vão para o paraíso
 O nosso mundo está doente em tudo enquanto nós perdemos tempo brigando por isso
 Ao invés de dividir as religiões entre as que são do mal e as que são do bem
 Que tal botar a sua ideologia no bolso e ajudar aquele moço que de frio morre na rua
 Desamparado e sem ninguém
 Os grandes mestres já disseram que precisamos de união
 Então por que não fazer do respeito
 Também uma religião
 (SOUZA, 2016)

Em pleno século XXI, a intolerância religiosa ganhou visibilidade na mídia contemporânea: frequentemente são mostrados ataques aos praticantes de diferentes religiões ao redor do mundo. Em 2016, a Rede Globo veiculou a poesia sobre intolerância religiosa da jovem paulistana AnaMari Souza (Mariana Souza) como parte de um programa de sensibilização de questões sociais chamado “Tudo Começa pelo Respeito”. A jovem disse que há um tempo vivenciou umas “tretas” religiosas e decidiu escrever esta poesia chamada *Por que sim?*. A intolerância

religiosa é o tema central deste trabalho acadêmico, cujo objetivo é analisar os preconceitos contra umbandistas por parte de praticantes de religiões que serviram para a base de sua criação, como o catolicismo e o espiritismo.

Os números de denúncias referentes aos casos de intolerâncias religiosas registradas pelo Disque 100 Direitos Humanos são alarmantes. Em 2015 foram 556 denúncias, contra as 149 de 2014 – um salto de 273%, uma média de 3 denúncias a cada 2 dias. Que em pleno século XXI ainda ocorram tais atrocidades por causa de questões religiosas no seio da população brasileira é assombroso, mas, como disse Flavia Oliveira, “O fato é que chegamos a 2016 e, Brasil afora, terreiros de Umbanda e Candomblé ainda são destruídos e profanados, e os filhos de santo, apedrejados em via pública” (OLIVEIRA, 2016).

A intolerância religiosa é um problema recorrente na história da humanidade. Desde a Idade Média guerras foram motivadas por questões religiosas, nas quais exércitos combateram para que todos seguissem a mesma religião e aqueles que se opunham eram explicitamente assassinados. O Massacre de São Bartolomeu, ocorrido em 1572 em Paris, é um exemplo. Segundo Eugenio Gonçalves, milhares de protestantes calvinistas (huguenotes) foram mortos por católicos no dia de São Bartolomeu (24 de agosto) por ordem do Rei francês Carlos IX, católico, em guerra contra os protestantes.

Sergio Paulo Rouanet, em artigo de 2003, diz que a intolerância é “uma atitude de ódio sistemático e de agressividade irracional em relação a indivíduos e grupos específicos, à sua maneira de ser, a seu estilo de vida e às suas crenças e convicções”. Ozaí da Silva, por sua vez, reflete sobre a intolerância religiosa em artigo no qual diz que

À intolerância religiosa soma-se a intolerância política, cultural, étnica e sexual. A inquisição está presente no cotidiano dos indivíduos: no âmbito do espaço doméstico, nos locais do trabalho, nos espaços públicos e privados. Ela assume formas sutis de *violência simbólica* e manifestações extremadas de ódio, envolvendo todas as esferas das relações humanas. A intolerância é, portanto, uma das formas de opressão de indivíduos em geral fragilizados por sua condição econômica, cultural, étnica, sexual e até mesmo por fatores etários. Muitas vezes nos surpreendemos ao descobrir a nossa própria intolerância. (SILVA, 2004, p. 8)

Uma das diretrizes da pesquisa cujos resultados são apresentados neste artigo foi a análise da intolerância religiosa de praticantes de outras religiões, tais como a católica e a espírita (kardecista) perpetrada contra os umbandistas. A Umbanda é uma religião genuinamente brasileira, sabe-se que sua fundação deu-se no Brasil. Sua história pode ser explicada de duas maneiras: pela versão dos próprios umbandistas e pela versão sociológica.

De acordo com os umbandistas, a religião tem data de fundação: 15 de novembro de 1908, com a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas no médium Zélio de Moraes. Nesta data, o médium e fundador estava na Federação Espírita de Niterói e incorporou o Caboclo, em sua primeira manifestação espiritual, e assim teria se originado a Umbanda. Do ponto de vista da Sociologia, a Umbanda é uma religião praticada no Brasil desde o início do século XX, seu nascimento decorre do movimento social que ocorria naquele período e condiz com a “consolidação de uma sociedade urbano-industrial e de classes” (ORTIZ, 1999, p. 32):

O nascimento da religião umbandista deve ser apreendido neste movimento de transformação global da sociedade. A Umbanda não é uma religião do tipo messiânico, que tem uma origem bem determinada na figura do messias, pelo contrário, ela é fruto das mudanças sociais que se efetuam numa direção determinada. Ela exprime assim, através de seu universo religioso, esse movimento de consolidação de uma sociedade urbano-industrial. A análise de sua origem deve pois se referir dialeticamente ao processo das transformações sociais que se efetuam. (ORTIZ, 1999, p. 32)

O sincretismo religioso consiste na fusão de diferentes doutrinas para a formação de uma nova, mantendo as características típicas das doutrinas base. Assim, deu-se o sincretismo entre a Umbanda e o Candomblé, uma religião de matriz africana, o Catolicismo e o Espiritismo, como se pode notar pela presença de elementos dessas religiões em sua essência.

Essa religião é a fusão de religiões já presentes no país com uma marcante matriz africana, apesar de não haver nenhuma similaridade as com religiões praticadas na África. Em sua face atual, a Umbanda sincretiza elementos de diferentes matrizes religiosas: africanas, do Espiritismo (Kardecista), de cultos indígenas (por exemplo: a Pajelança) e Catolicismo.

Algumas das possíveis razões do preconceito sofrido pelos praticantes da religião são: a presença da matriz africana e as incorporações (transes) realizadas por seus médiuns; assim como alguns rituais da religião, como as entregas e oferendas para orixás e o trabalho realizado com o orixá Exu. Apesar da presença de uma matriz africana, a Umbanda se distingue de um dos principais exemplos de religião africana praticada no Brasil, o Candomblé.

A Umbanda não lida propriamente com os orixás (deuses do Panteão Africano), mas com a incorporação em seus médiuns de espíritos desencarnados, tais como: o caboclo, o preto-velho, a criança, o baiano, o boiadeiro, o espírito da água, o Exu. Para a Umbanda, estes espíritos são entidades espirituais desencarnadas que retornam ao plano terrestre por estarem em processo de evolução espiritual.

Com efeito, pode-se opor Umbanda e candomblé como se fossem dois pólos: um representando o Brasil, o outro a África. A Umbanda corresponde à integração das práticas afro-brasileiras na moderna sociedade brasileira; o candomblé significaria justamente o contrário, isto é, a conservação da memória coletiva africana no solo brasileiro. (ORTIZ, 1999, p. 16)

Além dos elementos africanos, também foram incorporados os cultos indígenas na criação da nova religião, com alguns de seus ritos e passagens reunidos pela presença dos caboclos nos cultos. O catolicismo trouxe o sincretismo com os santos católicos como forma de aceitação da Umbanda na sociedade que estava se formando naquele momento. Sendo assim, a Umbanda abriga princípios, fundamentos e características diferentes em seu sincretismo afro-índio-católico-kardecista de base.

A Umbanda nasce no início do século XX, após a abolição da escravidão, ocorrida no final do século XIX. Os escravos livres tentavam se integrar à sociedade em sua nova condição de homens livres, submetendo-se aos moldes da época, como diz Ortiz em um artigo para a 28ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência:

O fenômeno do embranquecimento já foi suficientemente estudado por Roger Bastide, podemos resumi-lo na seguinte fórmula: o negro, submetido aos regimes de escravidão, não pode ascender socialmente dentro dos padrões moldados por uma cultura branca, sua ascensão se fará através do embranquecimento de sua cultura (recusa de participar da herança africana) e de sua raça (valorização da mestiçagem). (ORTIZ, 1976, p. 01)

Ao longo do artigo, também são analisados aspectos legais e tributários que tangem à institucionalização das religiões, como a questões ligadas às autorizações para funcionamento e de cobranças de impostos e taxas sobre os terreiros de Umbanda, por exemplo, e se estes recebem o mesmo tratamento que os locais de culto de outras religiões, principalmente, em relação à isenção de impostos.

São Paulo foi escolhida para condução da pesquisa e para aplicação das entrevistas em função da forte presença da Umbanda na cidade e pelo forte crescimento do número de praticantes. Ortiz diz mesmo que “os fenômenos de industrialização e de urbanização imprimem o sentido do próprio desenvolvimento da religião: quanto mais as regiões são urbanizadas e industrializadas, tanto maior será o número de adeptos umbandistas” (ORTIZ, 1999, p. 51). Foram realizadas 4 entrevistas, semiestruturadas, com umbandistas da cidade de São Paulo, sendo 2 entrevistas com mães-de-santo - uma delas trabalha em um terreiro de Umbanda; a segunda é proprietária de um terreiro. As outras 2 entrevistas foram realizadas com uma médium com mais de 10 anos de trabalho; e com uma médium em desenvolvimento (1 ano e meio).

O questionário semiestruturado serviu como guia para as entrevistas, sem que se tornasse, no entanto, um roteiro fixo destas. Assim, houve entrevistas em que este foi seguido fielmente, enquanto em outras, os entrevistados contaram sua história ao pesquisador, transformando-a (a entrevista) em algo próximo de uma conversa informal. Conforme definição de Boni e Quaresma “as entrevistas semiestruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75).

Os nomes das entrevistadas foram preservados por escolha destas e para sua identificação serão usadas apenas as iniciais de seus nomes.

A UMBANDA

A Umbanda é uma religião brasileira originada no início do século XX, após as profundas manifestações sociais ocorridas no final do século XIX, como a abolição da escravatura e a Proclamação da República, ações que mudaram profundamente a história do país. Como acontecem com outras religiões, os umbandistas têm sua própria versão para o surgimento de sua fé. Também como ocorrem com outras denominações religiosas, as ciências debruçaram-se sobre sua origem e história, entre elas a Sociologia, que tenta apreender as condições materiais de sua gênese e desenvolvimento.

História da Umbanda pelos umbandistas

A história da Umbanda é contada por alguns sacerdotes umbandistas, como Alexandre Cumino e Ronaldo Linhares, em livros publicados no século XXI. Esta história será reproduzida abaixo, numa tentativa de conciliação dos dois relatos da fundação da Umbanda, de acordo com a ótica umbandista.

De acordo com os umbandistas, a Umbanda foi fundada em 15 de novembro de 1908, por Zélio Fernandino de Moraes – Ronaldo Linhares entrevistou Zélio de Moraes em 1972 e a entrevista original consta em seu livro -, com a primeira manifestação espiritual do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Quando Zélio contava com 17 anos, foi considerado doente por seus familiares, e fatos estranhos começaram a acontecer.

Às vezes, ele assumia a estranha postura de um velho, falando coisas aparentemente desconexas, como se fosse outra pessoa e que havia vivido em outra época. Em certas ocasiões, sua forma física lembrava um felino lépido e desembaraçado que parecia conhecer todos os segredos da Natureza, os animais e as plantas. (LINHARES; TRINDADE; COSTA, 2010, p.21)

Os pais de Zélio o encaminharam para o médico da família, seu tio, que ao observá-lo por vários dias, recomendou que o levassem a um padre, pois o quadro dele não era clínico. Achava-se que ele estava possuído e o submeteram a um ritual

de exorcismo. Porém, mesmo após a tentativa de cura espiritual, nada mudou e os “ataques” continuavam.

Algum tempo depois, Zélio foi acometido de uma súbita paralisia, mas os médicos não conseguiam definir sua origem. Até que, repentinamente, Zélio levantou-se de sua cama e disse que no dia seguinte estaria curado. De fato, no dia seguinte, ele levantou-se como se nada tivesse acontecido. Sua mãe levou-o a uma curandeira da região chamada Dona Cândida, que incorporava o espírito de um preto velho chamado Tio Antônio, que disse ao Zélio que ele era médium e deveria dedicar-se à caridade.

Após este episódio, seus familiares acharam que era melhor levá-lo à Federação Espírita de Niterói. Então, no referido 15 de novembro de 1908, ele foi à Federação e foi convidado por José de Souza, dirigente da Federação, a sentar-se à mesa. Antes de iniciar os trabalhos Zélio disse que ali faltava uma flor; subitamente levantou-se, foi ao jardim e apanhou uma rosa branca, que foi colocada no centro da mesa.

Teve início uma confusão no local. Zélio incorporou um espírito e simultaneamente outros médiuns começaram a incorporar caboclos e pretos velhos. Ao perceber as incorporações, o dirigente da mesa de trabalhos advertiu a todos citando um “atraso espiritual” e a entidade incorporada no Zélio questionou a razão pela qual os espíritos humildes não poderiam se manifestar, já que eram trabalhadores.

José de Souza, que presidia a mesa naquele dia, questionou quem era o espírito que estava incorporado em Zélio e este respondeu dizendo apenas que era um caboclo brasileiro. Porém, José de Souza, médium vidente, disse que via nele restos de vestes clericais. O espírito disse que eram restos de uma existência anterior, quando foi padre e acusado de bruxaria. Seu nome era Gabriel Malagrida e fora sacrificado na fogueira da Inquisição em 1775. José de Souza perguntou então qual era o nome do espírito, que respondeu:

Se é preciso que eu tenha um nome, digam que eu sou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, pois para mim não existirão caminhos fechados. Venho

trazer a Umbanda, uma religião que harmonizará as famílias e que há de perdurar até o fim dos tempos. (LINHARES; TRINDADE; COSTA, 2010, p.22)

Após mais algumas perguntas de José de Souza, o Caboclo disse:

Amanhã, na casa onde meu aparelho¹ mora, haverá uma mesa posta a toda e qualquer entidade que queira se manifestar, independentemente, daquilo que haja sido em vida, todos serão ouvidos e nós aprenderemos com aqueles espíritos que souberem mais e ensinaremos aqueles que souberem menos e a nenhum viraremos as costas nem diremos não, pois esta é a vontade do Pai. (LINHARES; TRINDADE; COSTA, 2010, p.23)

E no dia 16 de novembro de 1908, na casa de Zélio, em São Gonçalo, perto das 20 horas estavam presentes do lado de fora da casa os membros da Federação Espírita de Niterói, parentes, amigos, vizinhos e uma multidão de desconhecidos. Pontualmente às 20 horas, o Caboclo das Sete Encruzilhadas incorporou em Zélio e iniciou o culto.

Após algumas palavras iniciais, o Caboclo estabeleceu as normas que seriam usadas naquele culto e nos próximos: que haveria sessões diárias das 20 às 22 horas, que os atendimentos seriam gratuitos e que os participantes deveriam vestir branco. Nesse momento ele disse que estava nascendo uma nova religião, que se chamaria Umbanda e que aquele grupo se chamaria Tenda Nossa Senhora da Piedade.

Neste mesmo dia, após a incorporação do caboclo, Zélio incorporou um preto velho chamado Pai Antônio, com as mesmas características de quando foi considerado doente por seus familiares. O preto velho, com suas palavras de sabedoria, sua humildade e sua timidez recusa a se sentar junto aos presentes da mesa dizendo que “nêgo num senta não meu sinhô, nêgo fica aqui mesmo. Isso é coisa de sinhô branco e nêgo deve arrespeitá” (LINHARES; TRINDADE; COSTA, 2010, p.29). E após a insistência dos presentes ele diz: “Num carece preocupá não. Nêgo fica no toco que é lugá di nêgo” (LINHARES; TRINDADE; COSTA, 2010, p.29).

Perguntaram se ele sentia falta de algo que havia sido deixado na terra e ele respondeu “Minha caximba, nêgo qué o pito que deixou no toco... Manda mureque buscá” (LINHARES; TRINDADE; COSTA, 2010, p.30). Esta foi a primeira solicitação

¹ Ao dizer aparelho ele se refere a Zélio de Moraes.

de um elemento de trabalho para a Umbanda, e após isto o Pai Antônio solicitou uma guia (colares coloridos usados nos trabalhos) que foi chamada de “Guia do Pai Antônio”. O comportamento do espírito Pai Antônio condiz com a situação de submissão a qual os negros haviam sido submetidos até pouco tempo antes, pois ele era um escravo que servia aos senhores de engenho do século XIX. Sua fala mostra a situação vivida até 1888, ano em que a escravidão foi abolida e os escravos foram libertos.

Além da caridade e das vestimentas brancas, alguns outros detalhes deviam ser respeitados, como a questão do sacrifício de animais, nunca permitido. Também não são utilizados atabaques ou quaisquer outros objetos ou adereços que não sejam as guias das entidades. A preparação dos médiuns é feita através dos banhos (ervas) e o ritual do amaci, a lavagem de cabeça onde os filhos de Umbanda fazem a ligação com a vibração dos seus guias. Foram definidas ainda 7 linhas para a formação da Umbanda, que são as linhas de: Oxalá, Iemanjá, Ogum, Iansã, Xangô, Oxossi e Exu. E enquanto Zélio estava vivo, foram fundadas mais de 10 mil tendas de Umbanda.

Mas, com o passar do tempo, alguns detalhes foram se modificando, como por exemplo, o uso dos atabaques. Algumas tendas atualmente utilizam os atabaques em seus ritos, mas a Tenda Nossa Senhora da Piedade, fundada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas não o utiliza até hoje. Na Umbanda os atabaques são tocados com as mãos e os pontos são cantados em português, sempre com um intuito, quer sejam cantos de chamada, de reverência, de trabalho ou de subida.

Na Umbanda há diversas nomenclaturas para os locais dos trabalhos, que podem ser tendas, terreiros, templos, centros-espíritas, entre outros. O termo tenda vem de uma casa de Umbanda que é estabelecida no alto, em um sobrado, pois era comum, antigamente, as tendas ocuparem estes lugares. Já terreiro é o termo para casas estabelecidas no chão, no térreo. Templo é um local dedicado ao serviço religioso, um culto, e a nomenclatura centro espírita vem do espiritismo kardecista, então comumente são de adeptos que já passaram pelo espiritismo.

Outros termos também se confundem com a raiz africana. No Candomblé os pais de santo são chamados de Babalorixá (Babalaô) e as mães de santo são as Iyalorixá (Iya), que são pessoas que tiveram a iniciação no Candomblé e passaram pelos preceitos da religião. Na Umbanda os pais da casa são chamados de pai de santo, pai de terreiro, cacique, sacerdote ou dirigente. Porém, há terreiros de Umbanda em que os dirigentes vieram do Candomblé e mantiveram seu título, sendo chamados de Babalorixá/Iyalorixá. Este é um sinal de sincretismo entre o Candomblé e a Umbanda e que se perpetua, visto que os filhos são acostumados com as terminologias que vem com o pai ou mãe da casa.

A Umbanda pelo Olhar da Sociologia

A Umbanda é uma religião nascida em uma sociedade pós-escravidão, que vivia intensas transformações sociais e culturais. Para entender o nascimento dessa religião, deve-se entender o contexto histórico e social da época.

As interpretações sociológicas sobre o nascimento da umbanda assentam-se, como não poderia deixar de ser, em sua tríplice condição de religião nacional, surgida e consolidada no momento da expansão do sistema urbano industrial do segundo quartel do século, justamente nos centros urbanos mais importantes das regiões mais desenvolvidas do país. (NEGRÃO, 1994, p. 114)

Em 1822 ocorreu Independência do Brasil e as mudanças começaram a acontecer no país, e como Ortiz diz “O século XIX foi um período de profundas mudanças para a sociedade brasileira. Com a declaração da independência em 1822, as contradições engendradas pelo regime escravocrata tornam-se cada vez mais agudas” (ORTIZ, 1999, p.22). Este foi um processo complexo que trouxe as contradições do regime anterior para esta nova sociedade que estava se formando e “ainda que o negro não participe deste novo jogo político, as decisões tomadas lhe concernem diretamente” (ORTIZ, 1999, p.22).

As contradições entre a sociedade escravocrata e a organização política da nação brasileira manifestam-se nitidamente através do pensamento de José Bonifácio de Andrada e Silva: “É tempo de irmos acabando gradualmente até os últimos vestígios da escravidão entre nós, para que venhamos a formar em poucas gerações uma nação homogênea, sem o que nunca seremos verdadeiramente livres, respeitáveis e felizes. É da maior necessidade ir acabando com tanta heterogeneidade física e civil; cuidemos, pois, desde já, em combinar sabiamente tantos elementos discordes e contrários, em amalgamar tantos metais diversos para que saia um todo homogêneo e compacto, que se não esfarele ao pequeno toque de qualquer nova convulsão política”. (ORTIZ, 1999, p.23)

Após a independência, a escravidão continuava no império, mas estava fadada ao seu extermínio. Em 1850, foi proibido o tráfico de negros para o Brasil, e nos anos seguintes foi aprovada uma série de leis que visavam o fim da escravidão. Em 1871, a Lei Rio Branco concedeu liberdade aos filhos de escravos nascidos a partir daquele ano e, finalmente, a Lei Dantas libertou os escravos com mais de 60 anos. Estas leis facilitaram a abolição da escravatura em 1888, pois “A Abolição nada mais foi, portanto, do que o reconhecimento legal de uma realidade social” (ORTIZ, 1999, p.23).

Também há fatores econômicos envolvidos com a abolição da escravidão, pois os escravos são uma força de trabalho importante para a indústria que estava nascendo naquele final de século. O café era a principal riqueza do Sudeste e atraiu muitos imigrantes europeus para o país, acentuando a desagregação que o sistema escravocrata produzia.

A população brasileira estava embranquecendo, por causa da imigração europeia que ocorreu acentuadamente no final do século XIX e início do século XX, pela alta taxa de mortalidade dos negros e mulatos, e pelo fenômeno da mestiçagem, que ocorria acentuadamente no início do século XX.

Os dados confirmam uma vez mais a superioridade numérica dos brancos em relação aos negros e mulatos, mas eles põem em evidência, ainda, a preponderância do mundo branco sobre as crenças afro-brasileiras. A desagregação do universo mítico afro-brasileiro não se reduz unicamente a uma relação quantitativa entre grupos de cores diferentes: é sobretudo a dominação simbólica do branco que acarretará o desaparecimento ou a metamorfose dos valores tradicionais negros; eles tornam-se caducos, inadequados a uma sociedade moderna. (ORTIZ, 1999, p. 27)

A Lei Áurea foi assinada em 1888, pela Princesa Isabel e, com isso, todos os escravos foram postos em liberdade, porém não houve uma transição gradual da sociedade escravista para a sociedade livre que se iniciava. Os abolicionistas tinham como objetivo a abolição da escravidão, mas entregaram os ex-escravos à sua própria sorte, sem inseri-los nesta nova sociedade em formação, a qual estava sofrendo as transformações sociais do final de um longo período de escravidão. Em 1889, deu-se a Proclamação da República, pondo fim à monarquia brasileira. Neste mesmo período estava ocorrendo uma inversão de polos, com as indústrias se erguendo nas metrópoles, e a população rural vindo do campo para trabalhar e residir nas cidades.

Mesmo com todas as transformações históricas que estavam acontecendo neste curto período de tempo, os negros ainda tinham que competir com os imigrantes europeus que estavam muito mais adaptados que eles ao mercado de trabalho.

Na passagem para o capitalismo de tipo competitivo o negro se vê subitamente convertido em cidadão; ele é lançado num mercado que pertence doravante ao trabalhador livre. Tendo sido entretanto submetido a

uma repressão secular, ele não estava preparado para assumir as novas tarefas propostas pela sociedade. (ORTIZ, 1999, p.27)

Foi um momento difícil para a população negra que, em um primeiro momento, não foi preparada para se adaptar a esta nova realidade. O negro fica marginalizado, a taxa de suicídio aumenta, pois ele estava frustrado com as discrepâncias que estava vivendo, com seu concorrente imigrante e com a disparidade entre suas aspirações e as oportunidades de que dispunha.

O negro na cidade via-se impelido à mendicância e à vagabundagem. Sua tendência ao suicídio não exprime porém nenhum caráter racial, pois vimos na África o pouco de importância que têm as mortes voluntárias. Ontem foi a resistência à escravidão, hoje, a crise devido à brusca libertação e à transplantação do negro para a cidade, onde ele encontrou condições para as quais não estava preparado. (ORTIZ *apud* BASTIDE, 1999, p.28)

Este momento de desagregação social é substituído pela consolidação das classes sociais, foi um “movimento de reinterpretação das práticas africanas, o que é afro-brasileiro torna-se negro-brasileiro, integrado com uma sociedade de classes, com todas as contradições que esta carrega em seu bojo” (ORTIZ, 1999, p.30).

É interessante notar que a formação da Umbanda segue as linhas traçadas pelas mudanças sociais. Ao movimento de desagregação social corresponde um desenvolvimento larvar da religião, enquanto que ao movimento de consolidação da nova ordem social corresponde a organização da nova religião. (ORTIZ, 1999, p. 32)

A Umbanda pode ser considerada, portanto, uma religião decorrente da mudança social que o país estava sofrendo naquele momento. Foi uma forma de aplacar as mudanças vividas, de forma a trazer a sua raiz para a nova sociedade urbano-industrial que estava se consolidando.

A síntese umbandista pôde assim conservar parte das tradições afro-brasileiras; mas, para estas perdurarem, foi necessário reinterpretá-las, normalizá-las, codificá-las. Foi este trabalho dos intelectuais umbandistas: canalizar uma situação de fato para constituir uma nova religião. Mas quem eram estes intelectuais? Brancos e mulatos de “alma branca”, que reconstruíram as antigas tradições com os instrumentos e os valores fornecidos pela sociedade. (ORTIZ, 1999, p. 33)

A criação desta religião tem um movimento duplo, pois para ser aceita pela nova sociedade ela teve que embranquecer as tradições afro-brasileiras e empretecer as práticas espíritas e kardecistas, sem deixar de lado o sincretismo com o catolicismo para, dessa forma, ser aceita nessa sociedade. Ortiz diz “Não estamos,

pois, mais em presença de um culto afro-brasileiro, mas diante de uma religião brasileira que traz em suas veias o sangue negro do escravo que se tornou proletário” (ORTIZ, 1999, p. 33).

Os termos embranquecimento e empretecimento utilizados neste artigo têm fundamento no trabalho de Renato Ortiz, que se baseou no sentido utilizado por Roger Bastide.

Para subir individualmente na estrutura social, o negro não tem alternativa, ele precisa aceitar os valores impostos pelo mundo branco; ele vai pois recusar tudo aquilo que tem uma forte conotação negra, isto é, afro-brasileira. [...] A ação de embranquecer está associada a uma “vontade de embranquecer”. Pode-se dizer que existe um desejo de embranquecimento que corresponde a um “complexo de inferioridade” do negro diante do branco. Este complexo não é, entretanto, segundo Bastide, de natureza libidinosa, mas social; ela decorre da posição inferior do negro no sistema escravocrata brasileiro. Por outro lado, o que queremos indicar com o termo *empretecimento* é somente o movimento de uma camada social branca, em direção às crenças tradicionais afro-brasileiras; trata-se de uma aceitação do fato social negro, e não de uma valorização das tradições negras. (ORTIZ, 1999, p. 33)

O embranquecimento da cultura afro-brasileira se dá, também, pela presença de imigrantes portugueses e europeus marginalizados, que buscavam práticas supersticiosas para enfrentar o momento difícil pelo qual que estavam passando, utilizando como consolo a religião. Com isso, a Umbanda foi se desagregando e incorporando procedimentos mágicos orientais e europeus para aumentar sua eficiência.

O movimento do empretecimento consistiu nos espíritas e kardecistas se apropriando de elementos das crenças afro-brasileiras. Como o caso de Benjamim Figueiredo, que “foi um dos primeiros kardecistas a iniciar o movimento de empretecimento” (ORTIZ, 1999, p. 41). Assim como na história de Zélio de Moraes, Benjamim recebeu o espírito do Caboclo Mirim e não foi aceito para trabalhar em centro kardecista, visto que o espírito de um caboclo é impuro de acordo com os princípios da religião. Sendo assim, ele fundou sua própria Tenda em 1924. Há um preconceito explícito na fala dos espíritas como pode ser observado no comentário abaixo

No melhor dos casos, quando um espírito de preto-velho se aproxima de um “bom” diretor de sessão, ele é doutrinado para que possa continuar seu

caminho na escola espiritual. Ele não pode ser confundido com um espírito de luz, como o é um espírito de médico, de padre, de freira, ou de um sábio qualquer, posto que no universo kardecista a cultura do espírito corresponde à cultura de sua “matéria” (o médium). Como poderia um analfabeto prescrever sabedoria? Quem levaria a sério a ignorância do espírito de um antigo escravo? – este deve pois permanecer no seu lugar. (ORTIZ, 1999, p. 46)

Porém, ao mesmo tempo em que ocorre o embranquecimento e o empretecimento desta religião para se ajustar a esta nova sociedade, há um movimento de resistência ocorrendo, que é o Candomblé, com sua preservação do simbólico afro-brasileiro, sendo assim um retorno às tradições africanas.

Dois caminhos se abrem pois à gente de cor: o retorno à tradição, o que implica o enquistamento dos candomblés, ou a integração na sociedade, o que leva, senão à renúncia da tradição, ao menos à reinterpretação desta segundo novos valores sociais. (ORTIZ, 1999, p. 48)

A Umbanda pode ser considerada uma reinterpretação do Candomblé pelos novos valores sociais da época, pois os ritos praticados são considerados inadequados para esta nova sociedade assalariada.

A Umbanda aparece pois como uma solução original; ela vem tecer um liame de continuidade entre as práticas mágicas populares à dominância negra e a ideologia espírita. Sua originalidade consiste em reinterpretar os valores tradicionais, segundo o novo código fornecido pela sociedade urbana e industrial. O que caracteriza a religião é o fato de ela ser o produto das transformações sócio-econômicas que ocorrem em determinado momento da história brasileira. (ORTIZ, 1999, p. 48)

No Candomblé, as obrigações que devem ser feitas pelos filhos de santo para seus orixás muitas vezes são consideradas inadequados para a sociedade assalariada que estava se consolidando. Entre os preceitos conhecidos, um deles consiste na reclusão de 21 dias para sua iniciação na religião, e isto é um período longo para um trabalhador ficar afastado de seu trabalho. Os sacrifícios animais são considerados bárbaros, e a submissão ao pai de santo é o oposto da liberdade recém adquirida.

ASPECTOS LEGAIS E TRIBUTÁRIOS DA RELIGIÃO

Há um forte movimento para a regularização dos terreiros de Umbanda em território nacional. Da mesma forma que há terreiros regularizados por funcionarem em estabelecimentos comerciais, há os que funcionam no fundo das casas dos pais e mães de santo e não possuem autorização para funcionarem. As federações e associações têm realizado campanhas em seus *websites* para a regularização dos terreiros, mas com baixa adesão, de acordo com as informações expostas nos próprias páginas.

Para regularizar um terreiro de Umbanda, inicialmente deve-se obter um CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica) e criar-se um estatuto, com eleição de diretoria para reger a casa. Ele será constituído como uma instituição sem fins lucrativos de acordo com os critérios legais do país. A Federação Brasileira da Umbanda, localizada no Rio de Janeiro, informa que os aspectos tributários sobre terreiros de Umbanda são de ordem municipal, e que não sabem informar sobre todos os demais estados brasileiros, mas afirmam que no Rio de Janeiro os terreiros são isentos da cobrança de IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano).

A Federação de Umbanda do Brasil, localizada na cidade de São Paulo, informa que em São Paulo também estão isentos de cobrança de impostos municipais os terreiros que atendem na cidade e são regularizados. É um processo burocrático no qual a Federação auxilia seus afiliados para obtenção da documentação pertinente.

Porém, essas informações não são do conhecimento de todos os umbandistas, pois nas entrevistas com N. e A., estas disseram que seus terreiros eram isentos de impostos. Mas D., que é proprietária de um terreiro de Umbanda em São Paulo, paga os impostos anualmente, mesmo com seu terreiro regularizado. E I., que frequenta o terreiro há mais de 50 anos, sabe que o pai de santo da casa paga IPTU anualmente para aquele local.

As federações foram criadas em um momento difícil para as religiões afro-brasileiras, que sofriam muita repressão política e social.

As federações de umbanda surgiram como propostas que visavam responder simultaneamente a dois problemas. Um deles era o de encontrar uma forma que contornasse a autonomia dos terreiros de modo a poder organizar os praticantes dos cultos afro-brasileiros num conjunto articulado e com um centro decisório único. O outro problema, de caráter político, era o de enfrentar a repressão do Estado sobre a umbanda e os cultos afro-brasileiros em geral. Os umbandistas consideraram necessário promover uma organização que pudesse contrapor-se de modo eficaz às medidas discriminatórias e repressivas praticadas pelo Estado contra essas religiões. (BIRMAN, 1985, p. 95)

Mas o papel das federações hoje não é tão claro, pois não há mais a repressão policial que ocorria no meio do século XX, no qual policiais invadiam os cultos para prender os praticantes de religiões afro-brasileiras. E para você abrir um terreiro de Umbanda, era necessário registrá-lo na delegacia.

As entrevistadas têm opiniões distintas em relação à filiação de seus terreiros em federações. Para N., a federação é importante para regularizar a religião e para I. é necessário para fiscalizar. Já D., que é proprietária de um terreiro há mais de 50 anos, não é filiada a nenhuma federação, pois ao ser filiado você deve se submeter às regras que a federação impõe, e há muitos rituais que a federação apoia, com os quais a mãe de santo não concorda. A entrevistada I. diz que o terreiro que ela frequenta é filiado e que o papel é de fiscalização, mas nem sempre isso ocorre.

UMBANDA NA PRÁTICA

O Brasil, de acordo com sua Constituição, é um estado laico, o que significa que o país tem uma posição neutra no campo religioso, condizente com o artigo 5º da Constituição Federal. Porém, há manifestações religiosas que permeiam o Estado, como o feriado nacional que é o Dia de Nossa Senhora Aparecida, comemorado anualmente no dia 12 de Outubro. Por outro lado, a intolerância religiosa ainda faz parte da vida de muitos cidadãos brasileiros que, de alguma forma, já vivenciaram alguma forma de intolerância religiosa, embora o referido artigo 5º da Constituição Federal de 1988 diga que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” e os incisos VI e VIII tratam especificamente da liberdade religiosa, no qual digam:

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

Assim, a liberdade religiosa é assegurada por lei, a todos os cidadãos brasileiros e estrangeiros residentes no Brasil, que têm o mesmo direito consagrado pela Constituição. Mas, infelizmente, isso não impede os ataques religiosos recorrentes contra as religiões, principalmente as de matriz africana, o que pode ser verificado pelo aumento de 273% do número de denúncias de intolerância religiosa em 2015 no Disque 100 Direitos Humanos² em comparação a 2014.

O Estado brasileiro, aliás, já admitiu a existência da intolerância religiosa e criou, em 27 de dezembro de 2007, por meio da Lei nº 11.635, o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, celebrado em 21 de janeiro, como uma iniciativa para combater a intolerância religiosa que assola o país. A data foi escolhida em homenagem à Mãe Gilda, a Iyalorixá Gildásia dos Santos, que faleceu em 21 de janeiro de 1999. Mãe Gilda teve seu terreiro invadido após ter sua foto estampada na capa do jornal Folha Universal em uma reportagem com o título "Macumbeiros

² Dados obtidos pela Secretaria Especial de Direitos Humanos do Ministério da Justiça e Cidadania

charlatões lesam o bolso e a vida dos clientes". Após a matéria ser veiculada, integrantes de outra religião invadiram, insultaram e agrediram fisicamente o marido da Mãe Gilda, e depredaram seu terreiro.

Mas assim como a Mãe Gilda, muitos brasileiros ainda sofrem as consequências da intolerância religiosa, tanto no Candomblé como na Umbanda, visto que as religiões de matriz africana ainda são o maior alvo do preconceito. Em 2015, a menina Kaylane Campos, de apenas 11 anos, foi vítima de uma pedrada ao voltar para casa com vestimentas do Candomblé.

O assédio assume as mais diversas formas: físico, verbal ou com ações. A entrevistada N. diz que já sofreu preconceito da mãe de grandes amigas dela, que tentou persuadi-la a abandonar a religião. E também sofre com isso dentro de sua própria casa, pois sua mãe, que alega ser católica mas não frequenta a igreja, é contra qualquer religião afro-brasileira. De acordo com a entrevistada, sua mãe não tem entendimento e não sabe distinguir a Umbanda do Candomblé, mas opõem-se às religiões de matriz africana de uma forma geral.

No dia 21 de janeiro de 2016 a BBC fez uma matéria com o título *Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil?* na qual ouviu especialistas que falaram sobre a hostilidade que as religiões de origem africana sofrem

Para eles, há duas explicações. Por um lado o racismo e a discriminação que remontam à escravidão e que desde o Brasil colônia rotulam tais religiões pelo simples fato de serem de origem africana, e, pelo outro, a ação de movimentos neopentecostais que nos últimos anos teriam se valido de mitos e preconceitos para "demonizar" e insuflar a perseguição a umbandistas e candomblecistas. (Puff, 2016)

Um detalhe que pode ser observado nesta reportagem é a subnotificação dos casos de intolerância, pois, de acordo com um estudo da PUC-Rio veiculado na matéria, "foram ouvidas lideranças de 847 terreiros, que revelaram 430 relatos de intolerância, sendo que apenas 160 foram legalizados com notificação. Do total, somente 58 levaram a algum tipo de ação judicial" (Puff, 2016).

Nesta mesma reportagem da BBC há apontamentos interessantes como do Francisco Rivas Neto, sacerdote umbandista e fundador da Faculdade de Teologia com Ênfase em Religiões Afro-Brasileiras (FTU), localizada na cidade de São Paulo, que diz

Os afro-brasileiros são discriminados, tratados com preconceito, para não dizer demonizados, por sermos de uma tradição africana/afrodescendente. Logo, estamos afirmando que o racismo é causa fundamental do preconceito ao candomblé e demais religiões afro-brasileiras. (PUFF *apud* RIVAS NETO, 2016)

O preconceito envolvendo os rituais de religiões de matriz africanas, infelizmente é um tema recorrente. A questão está tão viva em nossa sociedade que, em 2016, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), órgão diretamente relacionado ao Ministério da Educação (MEC), abordou este tema em sua proposta de redação: “Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil”, levando cerca de 6 milhões de estudantes a refletir sobre o assunto.

Um ponto sobre o qual se insiste neste artigo reside na importância da origem africana destas religiões como uma das causas mais prováveis da intolerância, atrelando o preconceito religioso ao racial na determinação dos motivos mais prováveis desta intolerância. O racismo existe e é explicitado nas falas e nos gestos de algumas pessoas contra os praticantes das religiões. Algumas vezes, apenas por estarem usando uma vestimenta branca ou tradicional, algum símbolo característico ou adereço, os praticantes sofrem preconceito nas ruas. O preconceito racial é, portanto, crucial neste processo, pois dele provem, em grande medida, o preconceito religioso como Reginaldo Prandi deixa claro neste trecho em que explica a fragmentação das religiões afro-brasileiras, que por serem pequenas unidades autônomas entre si e frequentemente desaparecem quando falece o pai ou a mãe de santo:

Fragmentada em pequenos grupos, fragilizada pela ausência de algum tipo de organização ampla, tendo que carregar o peso do preconceito racial que se transfere do negro para a cultura negra, a religião dos orixás tem poucas chances de se sair melhor na competição - desigual - com outras religiões. (PRANDI, 2004)

O racismo deriva do conceito de raça: “no século XVIII, a cor da pele foi considerada como um critério fundamente e divisor d’água entre as chamadas raças” (Munanga, 2003). No século XVII os naturalistas resolveram que deveriam catalogar a espécie humana por raças, conceito que até os dias atuais ainda perdura.

Por razões lógicas e ideológicas, o racismo é geralmente abordado a partir da raça, dentro da extrema variedade das possíveis relações existentes entre as duas noções. Com efeito, com base nas relações entre “raça” e “racismo”, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. (MUNANGA, 2003)

O preconceito racial e o preconceito religioso são transferidos para a cultura negra, atingindo todas as esferas da cultura afro-brasileira. Os praticantes das religiões afro-brasileiras “Continuam a sofrer agressões, hoje menos da polícia e mais de seus rivais pentecostais, e seguem sob forte preconceito, o mesmo preconceito que se volta contra os negros, independentemente de religião” (Prandi, 2004).

Outro tema que precisa ser debatido é o do racismo institucional, como coloca Laura López:

O racismo institucional, tal como o definem Silva et al. (2009), não se expressa em atos manifestos, explícitos ou declarados de discriminação (como poderiam ser as manifestações individuais e conscientes que marcam o racismo e a discriminação racial, tal qual reconhecidas e punidas pela Constituição brasileira). Ao contrário, atua de forma difusa no funcionamento cotidiano de instituições e organizações, que operam de forma diferenciada na distribuição de serviços, benefícios e oportunidades aos diferentes segmentos da população do ponto de vista racial. Ele extrapola as relações interpessoais e instaura-se no cotidiano institucional, inclusive na implementação efetiva de políticas públicas, gerando, de forma ampla, desigualdades e iniquidades. (LOPEZ, 2012, p. 127)

O racismo institucional atua no sentido de fazer com o próprio Estado, a despeito do discurso da igualdade, desqualifique uma cultura, embora de uma forma mais sutil que o preconceito racial praticado pelos cidadãos, alguns eventualmente punidos por essas materializações do racismo. “Os autores se referem ao racismo

como a predicação de decisões e de políticas sob considerações de raça com o propósito de subordinar um grupo racial e manter o domínio sobre esse grupo” (Lopez, 2012, p.127). Há inúmeras formas de se cometer o racismo institucional, e uma delas pode ser “por meio da reprodução de políticas institucionalmente racistas, sendo muito difícil de se culpar certos indivíduos como responsáveis” (Lopez, 2012, p.127).

Outro fator determinante do preconceito e da intolerância religiosa contra a Umbanda é a presença do orixá Exu, pois há uma demonização deste orixá em seu processo de sincretismo com a religião católica. Renato Ortiz explica, com base em estudos de Roger Bastide, o Exu.

Roger Bastide, em seu estudo sobre o candomblé nagô, mostra que o caráter *trickster* desta divindade decorre justamente de sua qualidade de mediador; para o autor, Exu é o “regulador do cosmos, aquele que abre as barreiras, traça os caminhos”. Se muitas vezes ele parece “contrariar sua finalidade essencial (a ordem do universo), introduzindo no mundo divino e humano a desordem, as querelas, as desventuras, trata-se sempre do reverso do equilíbrio, sobre o qual ele vela com a maior atenção”. A característica de *trickster* levou os primeiros pesquisadores dos costumes daomeanos a confundir Exu com o demônio católico. Herskovits insiste, porém, que tale representação religiosa é totalmente estranha ao pensamento africano; ela resulta da influência ideológica dos cânones morais da Igreja católica. (ORTIZ, 1999, p.127)

O pensamento ocidental, no qual há o bem x mal, o inferno x paraíso, céu x inferno, trouxe esse caráter demoníaco para este orixá. As primeiras imagens do Exu em expedições na África no século XVIII “descreveram Exu sempre ressaltando aqueles aspectos que o mostravam, aos olhos ocidentais, como entidade destacadamente sexualizada e demoníaca” (Prandi, 2001, p. 46), pela interpretação católica do Orixá.

Nas palavras de Pierre Verger, Exu “tem um caráter suscetível, violento, irascível, astucioso, grosseiro, vaidoso, indecente”, de modo que “os primeiros missionários, espantados com tal conjunto, assimilaram-no ao Diabo e fizeram dele o símbolo de tudo o que é maldade, perversidade, abjeção e ódio, em oposição à bondade, pureza, elevação e amor de Deus” (PRANDI *apud* VERGER, 2001, p. 47).

Na Umbanda há as entidades de esquerda, das quais o Exu umbandista faz parte, diferente do Candomblé, em que não há esta divisão entre esquerda e direita. Cavalcanti Bandeira diferencia o Orixá Exu em Exu-Pagão e Exu-Batizado.

São situações que os próprios nomes definem, pois o Exu-Pagão é tido como o marginal da espiritualidade, sem luz, sem conhecimento da evolução, trabalhando na magia do mal e para o mal, em pleno reino da Quimbanda, sem que, necessariamente, não possa ser despertado para evoluir de condição. Já o Exu-Batizado, caracteristicamente definido como alma humana, sensibilizada pelo bem, palmilhando um caminho de evolução, trabalha, como se diz, para o bem, dentro do reino da Quimbanda, por ser força que ainda se ajusta ao meio, nele podendo intervir, como um policial que penetra nos antros de marginalidade. (ORTIZ *apud* BANDEIRA, 1999, p.138)

Como a Umbanda buscava sua aceitação na sociedade da época, o Exu não podia ser uma entidade marginal, sendo assim o batizam para que sua aceitação seja unânime entre os praticantes e frequentadores, e lhe dá uma chance de participar do reino de luz que os outros orixás também participam, como pode ser visto na fala de Ortiz “A Umbanda vai rejeitar o Exu-Pagão para admitir em seu culto somente as entidade que tenham sido batizadas, dito em outras palavras, um Exu deve receber o sacramento do batismo, sem o que ele não será aceito na “igreja” umbandista” (ORTIZ, 1999, p. 138).

Para as entrevistadas, o Exu é um Orixá de extrema importância, ou como diz A. “sem Exu não se faz nada, a gente canta isso e acredita nisso. Ele é guardião, aquele que guarda o quarteirão, que guarda a porta do terreiro, mas também é o faxineiro do astral” (informação pessoal³). Para a mãe de santo I., Exu é o curador, é esta entidade que orienta as outras entidades nos trabalhos que devem ser realizados. A entrevistada A. comenta que no início ela escolhia os dias de culto que iria, pois não queria passar com Exu por ter medo, por vir da religião evangélica e considerar o Exu o diabo.

³ Informação pessoal obtida em entrevista com a entrevistada A.

TRABALHO DE CAMPO

Foram realizadas entrevistas com umbandistas com diferentes tempos de prática na Umbanda, sendo (da mais nova para a mais antiga), A., com 1 ano e 3 meses; N., com 11 anos; I. com 54 anos; e D. com, mais de 50 anos (não soube precisar o tempo). Nenhuma das entrevistadas nasceu umbandista, todas se converteram durante suas vidas em diferentes momentos e por diferentes razões.

I. buscou a Umbanda para ter mais conhecimento sobre a religião, e por se identificar com a mesma e, como ela mesma disse, “já é de ancestralidade” (informação pessoal⁴), querendo dizer que é de outras vidas. As outras buscaram depois de enfrentarem problemas pessoais ou por estarem em busca de respostas. Isto é o que Candido Procópio chama de religião “internalizada”, pois o fiel “pensou nela para encontrar a satisfação de necessidades e uma experiência de adesão à verdade. Esta satisfação e esta experiência constituem a principal fonte da conversão e da manutenção do adepto dentro do quadro religioso” (CAMARGO, 1961, p. 59). A entrevistada A., por exemplo, disse que “as pessoas buscam a Umbanda pelo amor ou pela dor” (informação pessoal⁵), e este é um dos principais fatores de conversão para a religião umbandista, de acordo com a entrevistada.

Todas se declaram umbandistas, apesar de A. e N., que ainda estão no mercado de trabalho, não levarem este assunto para dentro dos seus empregos. A entrevistada N. disse que no atual trabalho as pessoas sabem que ela é umbandista, mesmo convivendo com vários colegas que são evangélicos. Porém, no trabalho anterior, ela já não teve essa abertura com os antigos colegas. Já A. diz que seus amigos e familiares sabem da sua religião, mas as pessoas do trabalho não, por ainda haver “um preconceito com a Umbanda, por falta de conhecimento” (informação pessoal⁵).

O sincretismo com o catolicismo é reconhecido por todas, que concordam que a principal característica da fusão está na relação com santos católicos. Foi uma estratégia necessária para os umbandistas poderem trabalhar nos terreiros antigamente, pois como I. disse em sua entrevista “não se pode falar em Oxum então fala-se em Nossa Senhora Aparecida” (informação pessoal¹). Essa foi uma

⁴ Informação pessoal obtida em entrevista com a entrevistada I.

⁵ Informação pessoal obtida em entrevista com a entrevistada A.

das formas que os umbandistas encontraram para serem tolerados na sociedade, o sincretismo dos santos católicos e a presença de suas imagens nos altares dos terreiros de Umbanda para evitar as perseguições.

A fusão com o kardecismo, por sua vez, não é reconhecida pelas entrevistadas. A entrevistada A. crê que há semelhanças, como a palestra inicial realizada no âmbito das duas religiões, quando no início do culto religioso há uma pequena palestra refletindo sobre o tema definido para o dia, e a fala dos guias em relação à evolução espiritual, tema amplamente debatido no kardecismo. Já I. deixa claro que não há nenhuma semelhança entre as religiões e tem que se trabalhar separadamente as religiões, os dirigentes não podem simplesmente misturar as duas religiões em um mesmo dia de culto.

Em todas as entrevistas realizadas, pôde-se observar que, para todas as entrevistadas, a Umbanda é única e singular. Foram diferentes os momentos das entrevistas em que isso ficou evidente, mas em todas há essa afirmação.

A concordância a respeito do preconceito foi uma unanimidade. N. já sofreu preconceito de pessoas conhecidas e sofre essa situação em sua própria casa, onde sua mãe é contra as religiões afro-brasileiras de uma maneira geral, mesmo sem conhecê-las. D. já sofreu preconceito de evangélicos e I., como ela mesma disse, “já nem deixa começar” (informação pessoal⁶). Há um consenso de que católicos e espíritas são preconceituosos com umbandistas. Os católicos por desconhecimento, apesar de frequentarem os terreiros cada vez mais. E os espíritas, em função de os médiuns da Umbanda incorporarem espíritos inferiores, menos evoluídos de acordo com a fala deles.

Ao serem questionadas sobre a razão de ainda existir preconceito com os umbandistas, cada entrevistada trouxe uma opinião diferente sobre o assunto. I. acredita que a causa primeira é a ignorância, que as pessoas julgam sem conhecer o assunto. Já a entrevistada A. diz que a culpa é dos próprios umbandistas, que não se reconhecem como tal, diferentemente dos adeptos de outras religiões. A entrevistada D. crê que a vaidade é a razão de ainda haver preconceito, afirmando

⁶ Informação pessoal obtida em entrevista com a entrevistada I.

que há muita vaidade na Umbanda. E a entrevistada N. acha que é uma questão histórica, de formação familiar e uma confusão entre as religiões afro-brasileiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Umbanda é uma religião nascida da fusão do espiritismo (kardecismo), do catolicismo e do Candomblé, fazendo uma síntese de ritos e preceitos, sincretizando santos católicos como estratégia para ser aceita na sociedade, mas ela é um produto completamente novo desta composição.

A Umbanda se distancia assim tanto do kardecismo quanto das tradições afro-brasileiras, atestando a formação de um sistema religioso inteiramente novo. Este processo de química social, onde a partir de dois elementos anteriores se forma um novo composto, é conhecido na literatura antropológica como processo de fusão; ele é estudado dentro da teoria da aculturação que o associa aos mecanismos de invenção. (ORTIZ, 1999, p. 113)

A Umbanda é uma religião genuinamente brasileira, originada no início do século XX e que surgiu após intensas transformações sociais e culturais que o país vivenciou entre meados do século XIX e o início do século XX. Mas não se trata de uma religião uniforme, não há uma “linha” seguida por todos os seus praticantes, cada pai ou mãe de santo “faz” a sua Umbanda, de acordo com os preceitos que a sua entidade espiritual solicita. Uma similaridade encontrada em todas as falas é a caridade, pois a Umbanda se denomina a religião da caridade.

No plano da organização social, a religião umbandista pode ser considerada um agregado de pequenas unidades que não formam um conjunto unitário. Não há, como na Igreja Católica, um centro bem estabelecido que hierarquiza e vincula todos os agentes religiosos. Aqui, ao contrário, o que domina é a dispersão. Cada pai de santo é senhor no seu terreiro, não havendo nenhuma autoridade superior por ele reconhecida. Há, portanto, uma multiplicidade de terreiros autônomos, embora estejam unidos na mesma crença, havendo também um esforço permanente por parte dos líderes umbandistas no sentido de promover uma unidade tanto doutrinária quanto na organização. Criam federações, tentam estabelecer formas de relacionamento entre os vários centros decisórios, tentam enfim enfrentar a dificuldade de conviver simultaneamente com formas de organização dispersas e tentativas de centralização. (BIRMAN, 1985, p. 25-26)

A organização social que tem por premissa essa “unidade na diversidade” leva à geração de muito desencontro de informações, pois, como os terreiros são presididos por pais e mães de santo que respeitam suas entidades, cada terreiro é gerido de uma maneira, e não há semelhanças físicas e espirituais (doutrinárias) entre dois terreiros.

A mesma dificuldade se reflete no plano doutrinário. Entre os terreiros são encontradas diferenças sensíveis no modo de se praticar a religião. Tais diferenças, contudo, se dão num nível que não impede a existência de uma crença comum e de alguns princípios respeitados por todos. Há, pois, uma certa unidade na diversidade. (BIRMAN, 1985, p. 25-26)

Há também informações desencontradas sobre aspectos tributários, como é o caso da isenção de impostos municipais que ocorre na cidade de São Paulo, mas nitidamente essa informação não chega para os terreiros, tanto os filiados como os que não são filiados a Federações, causando custos maiores para a manutenção destes locais.

O preconceito é uma situação muito viva para os umbandistas, que sofrem com a discriminação dos praticantes das religiões que serviram de base para a criação de sua própria, como também de outras denominações religiosas, como os evangélicos - e muitas vezes, em função do desconhecimento das práticas realizadas, ou por causa da confusão entre as religiões afro-brasileiras, mas isso não impede os olhares e comentários maldosos contra os umbandistas. E há ainda os atentados contra os praticantes das religiões afro-brasileiras.

Os casos de intolerância religiosa deveriam ser notificados às autoridades policiais, mas poucas são as notificações, o que faz com que as estatísticas não representem a realidade. Apenas 37% destas ocorrências foram notificadas e apenas 13,4% foram para a justiça em 2015. Os números são baixos perto da quantidade de casos que ocorrem diariamente. E ainda há muitas manifestações verbais, xingamentos, e outras ofensas que não podem passar despercebidos, mas infelizmente passam.

O fato de a Umbanda ser uma religião afro-brasileira também é fator causador de preconceito: há um racismo intrínseco ligado às denominadas “religiões afro”. O fato de haver traços da cultura negra em sua formação é suficiente para a manifestação do preconceito racial que desemboca no preconceito religioso. Verifica-se a existência de preconceito também com outra religião afro-brasileira, o Candomblé, e como, em geral, as pessoas não sabem a diferenciá-las, apenas se referindo a elas, mais uma vez, como “religiões afro”, também esta é vítima do preconceito racial. Há ainda a hostilidade gerada em função da resistência a

preceitos do Candomblé, por desconhecimento dos significados e a crença de que tudo se baseia em ritos de sangue e sacrifício animal.

A demonização do Exu no Ocidente e na Igreja Católica é outra razão do preconceito existente. “Nina Rodrigues observa, já em seu tempo, que os negros, submetidos à influência do catolicismo, tinham tendência a assimilar Exu ao demônio” (ORTIZ, 1999, p. 130). Para os umbandistas, o Exu é uma figura central e extremamente importante para o terreiro, que protege o local, a entrada do local e os médiuns. É ele quem conhece os feitiços para auxiliar os outros guias, mas para a sociedade em geral destaca-se seu aspecto demonizado.

É notória a ambiguidade moral dos exus. Se por alguns são nitidamente associados ao diabo, por outros são considerados seres amorais, ambíguos, que por isso mesmo são representados como bons mediadores, capazes de quebrar qualquer galho e excelentes abridores de caminhos. (BIRMAN, 1985, p. 42)

Pode-se concluir que o preconceito com a religião Umbanda é um produto de muitas vertentes, como o racismo e o preconceito racial com o negro e com a cultura negra; o desconhecimento das crenças religiosas por parte da população que julga a religião sem antes conhecer os preceitos e fundamentos que a regem; a demonização do Orixá Exu para o ocidente e para a Igreja Católica. Todos estes fatores apenas contribuem para a intolerância religiosa que ocorre com as religiões afro-brasileiras, principalmente a Umbanda, objeto deste artigo científico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMAN, Max. **Hoje na História: 1572 - Massacre da noite de São Bartolomeu aterroriza a França.** São Paulo: 24/08/2010. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/5894/conteudo+opera.shtml>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil.** 2ª edição. São Paulo: Pioneira, 1971.

BIRMAN, Patricia. **O que é umbanda.** 1ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC.** Vol. 2 nº 1, p. 68-80. 2005.

BRASIL. **Constituição (1988).** Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Decreto-lei nº 11.635, de 27 de Dezembro de 2007. Institui o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa. **Diário Oficial da União,** Brasília, DF, 28 dezembro 2007.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

BRASIL. Secretaria Especial de Direitos Humanos. Ministério da Justiça e Cidadania. Disque 100 – Direitos Humanos. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/disque100/disque-direitos-humanos>. Acesso em: 25 jan. 2017.

CAMARGO, Candido Procopio Ferreira de. **Kardecismo e Umbanda: uma interpretação sociológica.** 1ª edição. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961.

CONCONE, Maria Helena Vilas Boas. **Umbanda: uma religião brasileira.** São Paulo, FFLCH/USP, CER, 1987.

CUMINO, Alexandre. **História da Umbanda: uma religião brasileira.** 1ª edição. São Paulo: Madras, 2015.

GLOBO. Tudo começa pelo respeito: Mariana Sousa. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YhscgZvAROW>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

GONÇALVES, Eugenio Mattioli. A Apologia Maquiaveliana de Gabriel Naudè ao Massacre da Noite de São Bartolomeu. **Griot – Revista de Filosofia,** Bahia, v.8, n.2, Dezembro 2013. Disponível em: <www.ufrb.edu.br/griot>. Acesso em: 13 fev. 2017.

LINARES, R.A.; TRINDADE, D.F.; COSTA, W.V.; **Iniciação à Umbanda**. 1ª edição. São Paulo: Madras, 2010.

LÓPEZ, Laura Cecília. O conceito de racismo institucional: aplicações no campo da saúde. *Interface - Comunic., Saude, Educ.*, v.16, n.40, p.121-34, jan./mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v16n40/aop0412>

MUNANGA, Kabengele. **Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos**. *Revista USP*. São Paulo, nº 68, págs 46-57, Dezembro/Januário 2005-2006.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. In: Seminário Nacional Relações Raciais e Educação, 3. 2003, Rio de Janeiro.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada**. *Revista Sociologia da USP, Tempo Social*. São Paulo, 1994, p. 113-122.

OLIVEIRA, Aurenéa Maria de. **PRECONCEITO, ESTIGMA E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA: a prática da tolerância em sociedades plurais e em Estados multiculturais**. *Estudos de Sociologia, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE*, v. 13, n. I, p. 239-264

OLIVEIRA, Flavia. Compromisso contra a intolerância religiosa. Rio de Janeiro: Portal O Globo, 2016. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/compromisso-contra-intolerancia-religiosa-20211871>>. Acesso em: 23/jan. 2017.

ORTIZ, Renato. **A Morte Branca do Feiticeiro Negro**. In: Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 28. 1976, Brasília.

_____. **A Morte Branca do Feiticeiro Negro: umbanda e sociedade brasileira**. 2ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

PRANDI, Reginaldo. “**As religiões afro-brasileiras nas ciências sociais: uma conferência, uma bibliografia**”. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais. BIB-ANPOCS*, São Paulo, nº 63, págs. 7-30, 1º semestre de 2007.

_____. **Exu, de Mensageiro a Diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu**. *Revista USP*, São Paulo, nº 50, págs. 46-63, Junho/Agosto de 2001.

_____. **O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. Dossiê Religiões no Brasil**. São Paulo: Estudos Avançados, volume 18, nº 52. Dezembro/2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000300015&script=sci_arttext

PUFF, Jefferson. **Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil?** Rio de Janeiro: BBC Brasil, 21/jan/2016. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_afri canas_jp_rm>. Acesso em: 07 fev. 2017.

ROUANET, Sergio Paulo. O Eros da Diferença. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 09 fev. 2003. Caderno Mais.

SILVA, Antonio Ozaí da. 2004. **Reflexões sobre a intolerância**. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/>>. Acesso em: 22/11/2016.

SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). **Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

Tenda de Umbanda 2 Caboclos. Seção Perguntas. Disponível em: <<http://tendadeumbanda2caboclosperguntas.blogspot.com.br/2013/05/perguntas-boa-tarde-qual-e-diferenca.html>>. Acesso em: 08/fev. 2017.

Tenda de Umbanda Filhos da Vovó Rita. **Diferenças entre a religião de umbanda e a religião de candomblé**. Santa Catarina: 04/jul/2011. Disponível em: <<http://filhosdavovorita.blogspot.com.br/2011/07/diferencas-entre-religiao-de-umbanda-e.html>>. Acesso em: 08/fev. 2017.

Terreiro de Umbanda do Pai Maneco. **História da Umbanda**. Paraná. Disponível em: <<http://www.paimaneco.org.br/filosofia/historia-da-umbanda>>. Acesso em: 08 fev. 2017.

ANEXOS

ANEXO A

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Nome:

Idade:

Sexo:

Profissão:

Grau de escolaridade:

Estado civil:

Religião:

Entrevistador: Você já foi de outra religião ou sempre foi umbandista? Caso positivo, qual?

Entrevistador: Há quanto tempo você é umbandista?

Entrevistador: Como você conheceu a Umbanda?

Entrevistador: Qual a razão de você ter ido a uma gira na umbanda pela primeira vez?

Entrevistador: Como foi o seu primeiro contato com um terreiro de umbanda? Como você se sentiu?

Entrevistador: Você já trocou de terreiro?

Entrevistador: Você já frequentou mais de uma religião simultaneamente?

Entrevistador: Há um sermão inicial no seu terreiro? Você crê que isso seja similar ao catolicismo ou ao espiritismo?

Entrevistador: Há uma sequência para as giras?

Entrevistador: Qual o papel do Exu no seu terreiro?

Entrevistador: Você percebeu mudanças no comportamento dos Exus nos últimos 40 anos?

Entrevistador: Pratica-se quimbanda no seu terreiro?

Entrevistador: Seu terreiro pratica ritos de sangue e/ou sacrifício animal?

Entrevistador: Você enxerga alguma semelhança do terreiro com uma igreja católica ou um centro espírita (altar, lugares definidos, sermão, imagens)?

Entrevistador: Qual a sua opinião sobre a fusão entre o catolicismo e a umbanda?

Entrevistador: Você acha que tem fusão entre o candomblé e a umbanda?

Entrevistador: Você acha que a umbanda tem semelhanças com alguma outra religião? Por exemplo: o catolicismo, ao espiritismo ou ao candomblé?

Entrevistador: O centro que você frequenta é filiado a alguma Federação Umbandista?

Entrevistador: Qual você acredita ser o papel desta Federação?

Entrevistador: Há algumas instituições religiosas que recebem isenção de impostos. Você sabe se o centro que você frequenta recebe algum tipo de isenção?

Entrevistador: Seu círculo social (amigos pessoais, trabalho, vida social em geral) sabem que você é umbandista?

Entrevistador: Você já sofreu algum tipo de preconceito em virtude da sua religião?

Entrevistador: Você acha que os católicos são preconceituosos com os umbandistas?

Entrevistador: Você acha que os espíritas são preconceituosos com os umbandistas?

Entrevistador: Você acha que os candomblecistas são preconceituosos com os umbandistas?

Entrevistador: Qual dessas religiões você já recebeu mais formas de preconceito dos praticantes?

Entrevistador: Qual você acha que é a razão de ainda existir preconceito com os umbandistas?

Entrevistador: Desde que você frequenta a umbanda, seu terreiro já sofreu repressão policial?

Entrevistador: Você já esteve presente em algum caso em que a polícia invadiu a gira? Como foi? Quando foi?

ANEXO B

QUESTIONÁRIO 1

Nome: N.B.A.C.

Idade: 31 anos

Sexo: Feminino

Profissão: Fisioterapeuta

Grau de escolaridade: Pós graduação completa

Estado civil: solteira

Religião: umbandista

Entrevistador: Como você se declara?

Umbandista, já chegou é, é, é, em alguns momentos de alguns trabalhos anteriores que eu não falava sobre religião, mas atualmente o trabalho que eu estou há 5 anos eu, eu informei que sou umbandista, inclusive as pessoas que trabalham comigo a maioria são da igreja evangélica, mesmo assim eu deixo bem claro que sou umbandista.

Entrevistador: Você já foi de outra religião ou sempre foi umbandista?

Eu me considero que eu descobri a umbanda sempre como religião. Mas anteriormente eu fui, é não digo obrigada, mas fui induzida a seguir no catolicismo, no batismo, não tem muita escolha, e também eu fiz a catequese, mas por, por realmente pra agradar meu avô, minha mãe, que eram da religião, mas no momento que eu estava fazendo o catecismo eu não gostava daquilo, eu não me sentia na minha casa, nunca me senti na minha casa naquele momento e inclusive foi um momento meio angustiante para mim fazer aquilo, não me sentia em casa, então eu me considero umbandista desde sempre, minha religião acho que sempre foi a umbanda, né.

Entrevistador: Há quanto tempo você é umbandista?

11 anos

Entrevistador: E como que você conheceu a Umbanda?

Na realidade parte da minha família pelo lado do meu pai eles seguiam a umbanda, seguiam o candomblé, enfim, eu sou neta de de negros, né, que também tinham muitos, muitos dentro da religião, das religiões afro.

Mas minha mãe nunca permitiu que eu tivesse contato com isso, até que o momento que eu sabia que um dia eu ia chegar na minha casa, até eu chegar na umbanda eu não sabia muito bem o que pensar, tinha até um receio, mas através de um momento que aconteceu muitas coisas na minha vida, enfim, perdi algumas pessoas eu sabia que era hora de eu buscar uma coisa, a minha casa. Cheguei a ir num, no espiritismo, foi a primeira, meu primeiro contato com a parte espírita, não me identifiquei apesar de ser bem recebida, não me identifiquei. E aí depois através de um ex namorado eu cheguei a uma casa de umbanda

Entrevistador: E qual a razão de você ter ido a uma gira, ter buscado um terreiro, pela primeira vez?

Justamente foi o que eu falei anteriormente, eu sabia, eu sempre soube que eu tinha um lugar, uma casa espiritual para conhecer. Eu sempre soube disso, mas não sabia aonde.

Eu até num primeiro momento eu até pensava que fosse no espiritismo mas quando eu conheci vi que não era. Lógico, acho que a situação do momento levou a isso, essa vontade de buscar encontrar essa casa ficou mais forte, foi perda de algumas pessoas, enfim tudo isso ajudou, mas eu sabia que um dia eu tinha que achar essa casa, esse lugar e achei.

Entrevistador: E como foi o seu primeiro contato com um terreiro de umbanda? Como que você se sentiu?

Bom, essa primeira vez que eu conheci o terreiro que eu estou atualmente, inclusive foi o primeiro e é o que eu estou atualmente, eu me senti muito bem. Eu botei o pé e sabia que ali, ali era a minha casa e que ali era a minha religião, se eu posso dizer dessa forma. Eu estava em casa, eu me senti em casa, eu não tive medo de maneira alguma.

Entrevistador: E você já trocou de terreiro?

Não

Entrevistador: Você já frequentou mais de uma religião simultaneamente?

Não

Entrevistador: E agora sobre o terreiro que você frequenta. Há um sermão inicial no seu terreiro?

Não

Entrevistador: Há uma sequência para as giras?

Elas podem até variar, mas geralmente no início do mês se trabalha com os caboclos, no meio do mês tem algumas giras de baiano, marinho e geralmente a última gira do mês é fechada com a gira de esquerda, o Exu e as pomba giras.

Entrevistador: Qual o papel do Exu no seu terreiro?

É o de proteção, né. É proteção da casa.

Entrevistador: E você percebeu mudança no comportamento dos Exus nos últimos 40 anos?

Bom, eu não sou tão velha na umbanda, mas o que me dá a impressão é que o comportamento dos Exus eles evoluíram eles não são tão brutos, não tem que mostrar uma hostilidade tão ligada a uma parte mais brava, eu diria, enfim, hoje em dia eles já falam em Deus, já, já são mais sutis na maneira que trata as pessoas. O Exu não tem que falar palavrão, o Exu não tem maltratar ninguém nem ter vínculos com um perfil humano, né. Eu acho que ele tem evoluído nesse sentido.

Entrevistador: E pratica-se quimbanda no seu terreiro?

Olha, não abertamente, mas durante esse 11 anos eu já tive conhecimento de diversas formas que tem babas, pais pequenos, enfim, fazendo alguns trabalhos, de certa forma negativos, pro mal, até mesmo pras próprias pessoas da casa, pros irmãos. Inclusive alguns trabalhos contra o fundamento da própria casa. Então acontece, não é uma coisa divulgada, mas acontece de uma maneira geral.

Entrevistador: Seu terreiro pratica ritos de sangue ou sacrifício animal?

Não

Entrevistador: Você enxerga semelhança do terreiro com uma igreja católica?

Apenas no sentido das imagens, na presença das imagens fazendo o sincretismo com os orixás, né. Acho que é isso.

Entrevistador: E qual a sua opinião sobre a fusão entre o catolicismo e a umbanda?

Olha, o que acontece é que acho que o catolicismo entra muito na umbanda por conta desse sincretismo, de inicialmente não se poder divulgar alguns preceitos, algumas oferendas, e ter que se utilizar das imagens católicas pra poder seguir com a religião e fazer os seus preceitos. Mas atualmente o que a gente observa bastante é a presença de católicos nos terreiros de umbanda buscando, buscando uma opção de relação com Deus e principalmente buscando ajuda, né, de certa forma. Então eu vejo muitos católicos na assistência, às vezes não trabalhando, não seguindo a

religião, mas principalmente fazendo parte da assistência, pontualmente participando de giras na umbanda.

Entrevistador: E você acha que tem fusão entre o candomblé e a umbanda?

Com certeza né. Porque obviamente o candomblé traz os orixás africanos que fazem parte da umbanda, são muito presentes na umbanda e por mais que na umbanda não se incorpore, eles estão ligados diretamente aos guias, né, aos guias que são trabalhados na umbanda e lógico que muitos dos pais e mães que fundaram os terreiros trouxeram aí a antecedência do candomblé, alguns, muitos, vieram do candomblé e depois se identificaram com a umbanda

Entrevistador: E você acha que a umbanda se assemelha a alguma outra religião? Como por exemplo: o catolicismo, o espiritismo ou o candomblé?

Ela traz traços importantes do candomblé, traços importantes também do espiritismo. No catolicismo acho que é muito mais pelo sincretismo, né. Muitos dos preceitos da umbanda eu acho que é muito mais lembrado aí no candomblé e no espiritismo, mas assim, apenas se assemelha, a umbanda é única, a umbanda é única, tem que se lembrar disso.

Entrevistador: O centro que você frequenta é filiado a alguma Federação Umbandista?

Sim

Entrevistador: Qual você acredita ser o papel desta Federação?

Olha, a Federação tem a sua importância até mesmo pra regularizar os terreiros, regularizar a religião, e também dar um suporte pra uma religião que é brasileira, já sofreu muito preconceito, ainda sofre né. Ela dá um suporte, um respaldo jurídico também. Enfim, eu acho que ela tem muita importância. É um grande troféu para nós, umbandistas.

Entrevistador: Há algumas instituições religiosas que recebem isenção de impostos. Você sabe se o centro que você frequenta recebe algum tipo de isenção?

Não, mas eu acredito que sim.

Entrevistador: Seu círculo social (seus amigos, seu trabalho, sua vida social em geral) sabem que você é umbandista?

A grande maioria sabe.

Entrevistador: Você já sofreu algum tipo de preconceito em virtude da sua religião?

Sim, é, já tive uma situação bem específica que a mãe de grandes amigas minhas, ela é muito católica e ao saber que eu iniciei na umbanda ela foi muito

contra, ela sugeriu que eu saísse, que eu não continuasse com isso, que isso era ruim, enfim, e eu fiquei muito ofendida. Foi uma das situações em que eu mais fiquei ofendida em relação a isso. No meu caso não tem só isso, tem a minha mãe, que apesar de alegar ser católica ela não frequenta igreja, enfim. Também sempre foi contra as religiões afros, de uma maneira geral, não tem nem entendimento do que é, muitos nem sabem qual a diferença entre a umbanda e o candomblé, então geralmente é um preconceito sem o menor conhecimento. E eu sempre convivi com isso, mas hoje, atualmente, é uma coisa já consolidada e assim as pessoas que gostam de mim tem que incluir isso no pacote.

Entrevistador: Você acha que os católicos são preconceituosos com os umbandistas?

Tem muitos que são, eles a principio acho que de uma forma mais divulgada eles não aceitam muito bem, mas grande parte da assistência da umbanda, como eu disse, ela é frequentada por católicos. Tem muitos católicos que vão a assistência, frequentam, mas não comentam com ninguém. Então eles têm até medo de se expor e informar que tem essa frequência em terreiros de umbanda. Na hora que eles realmente sentem, que ele tem algum tipo de problema, enfim, eles vão em busca de terreiros. Até mesmo não só para fazer o bem, hein. Pra fazer o mal também.

Entrevistador: Você acha que os espíritas são preconceituosos com os umbandistas?

Também já percebi muitas situações como essa. Já conheci algumas pessoas que frequentavam ao espiritismo, até mesmo dentro de algumas casas espíritas, já, às vezes o tipo de informação que passam sobre as religiões afro é de uma forma preconceituosa, a grande maioria. Lógico que tem casas que não, mas eu já sofri algumas situações de preconceito de espíritas questionando se a umbanda seria uma religião e se não uma seita.

Entrevistador: Você acha que os candomblecistas são preconceituosos com os umbandistas?

Olha, eu nunca acompanhei uma situação específica de algum candomblecista que tivesse preconceito com a umbanda. Porque as duas, são duas religiões afro, afro brasileiras né. Então elas de certa forma, elas se ajudam, porque as duas recebem muito preconceito, né, mas internamente você tem muitos terreiros de umbanda que chegam até a se auto denominar como umbandomblé e aí o que que acontece, eles seguem preceitos da umbanda, seguem alguns preceitos do candomblé. E assim, se eu fosse do candomblé eu não veria aquilo com bons olhos, porque dentro do candomblé você tem preceitos muitos específicos, rituais muito importantes, né, que não podem ser cortados, e tentar mesclar isso talvez possa criar aos olhos de quem é do candomblé, como uma coisa ruim. Mas eu mesma nunca vivenciei.

Entrevistador: E dentre essas religiões, a católica, a espírita e o candomblé, qual delas que você já recebeu mais formas de preconceito dos praticantes?

Acho que é o catolicismo, e também, também seria de evangélicos. Acho que eu vivencio uma situação bem diferente, que dentro da minha própria, do meu próprio trabalho, a minha chefe não segue diretamente, mas ela é evangélica, a mãe dela é evangélica, enfim, tem muita gente que é evangélica lá, até mesmo a secretária, que não olha com muitos bons olhos, mas eu sigo em frente e sou enfática que sou da umbanda. Mas já sofri, principalmente dos evangélicos, mas no catolicismo eles também tem um preconceito muito grande com qualquer religião que seja afrodescendente.

Entrevistador: Qual você acha que é a razão de ainda existir preconceito com os umbandistas?

Acho que é uma questão histórica né, tanto os católicos até mesmo os evangélicos, eles nascem e já recebem essa formação dos pais que geralmente aquilo é ruim e isso traz de um passado muito distante, a religião católica aí é que queimava bruxas, como a gente mexe com a parte de magia isso ainda é visto como uma coisa ruim, é difícil muito desse preconceito é pq as pessoas não tem conhecimento. Que tipo de magia que é feita, que é uma magia do bem, muita gente confunde o que é umbanda, o que é candomblé, muitas pessoas são contra trabalhos que envolvam corte, que envolvam matança de animais, que isso é feito no candomblé. Mas tem terreiros de umbanda que segue alguns preceitos do candomblé, mas é importante explicar que tanto na umbanda como no candomblé a magia é uma magia branca. É lógico, o ser humano pode ser ruim e desviar esses preceitos em qualquer religião, independente de ser umbanda, candomblé, católicos, né. Até mesmo por experiências de vivenciar os trabalhos dentro da umbanda a gente conhece muitos capazes de pessoas que são de religiões como católica, evangélica e até mesmo ateu que fazem trabalhos para o mal, procuram pessoas para fazer trabalhos pro mal, trabalhos sérios até de morte para outras pessoas é então eu acho que a história vem do passado.

Entrevistador: Desde que você frequenta a umbanda, seu terreiro já sofreu alguma repressão policial?

Não que eu saiba.

QUESTIONÁRIO 2

Nome: A.A.O.

Idade: 43

Sexo: Feminino

Profissão: Consultora de Atendimento

Grau de escolaridade: Pós graduação completa

Estado civil: divorciada

Religião: umbandista

Entrevistador: Você já foi de outra religião ou sempre foi umbandista?

Eu já fui de outra, outras, na verdade eu vou contar rapidinho minha história. Quando eu nasci a minha mãe era umbandista então a impressão que eu tinha da umbanda era péssima, era uma visão de criança porque eu lembro de um lugar escuro. É uma coisa meio fantasiosa, ruim, de criança. Então eu cresci tendo medo da umbanda, eu ia, era obrigada, era obrigada a passar com os guias, aquelas coisas. Então quando eu era adolescente aí eu pude ir pra a igreja católica, a carismática, então eu ia a missa, mas não fez minha cabeça. Aí eu conheci a Seicho No Ie, que eu acho bem legal, que usa o poder da mente e tal. Mas Seicho No Ie não é religião, é uma filosofia. Então eu continuei minha saga, cheguei a ir em templo budista pq eu acho muito bonita aquela coisa zen, mas também não dei continuidade, não dei porque não era minha vibe. Até que eu já, depois de casada, adulta, com 19 anos, eu fui pra igreja evangélica, eu ouvi o louvor pela primeira vez e o louvor me tocou e eu me apaixonei pelo louvor e pelo Jesus Cristo, a história dele.

Fiquei evangélica durante 6, 7 anos, mas eu não era aquela evangélica que tenta ninguém convencer a nada, eu era uma evangélica bem água com açúcar, bem de boa, eu tinha a minha relação com Deus. Mas eu ainda tinha medo da umbanda, amarrava a umbanda, não gostava da umbanda. E nem do espiritismo para ser sincera, então até que um dia eu fui pra, eu ganhei uma pós graduação da empresa que eu trabalho, e o módulo internacional era em Israel. Como evangélica eu achei aquilo um presente de Deus, porque Jerusalém é onde Jesus Cristo pregou, onde ele nasceu, nasceu em Nazaré mas ele pregava em Jerusalém. Enfim, tinha a ver com a minha religião, né.

E lá, o meu preconceito com as outras religiões morreu ali. Porque eu vi que lá em Jerusalém o preconceito o preconceito contra o cristão é muito grande, e eu era uma cristã, e sou até hoje, eu quero deixar bem claro que eu sou umbandista mas eu sou cristã, porque eu acho que a umbanda é uma religião cristã sim, explico mais pra frente. Então acabou esse meu preconceito e quando eu voltei não voltei mais a visitar a igreja evangélica, frequentar. Porque eu não consegui mais voltar para aquele mundinho preconceituoso, pequeno, que eu vi lá. Então aí eu frequentei 1 ano e meio uma casa de orientação cigana, onde tinha incorporação mas bem suave e poucas porque eu tinha medo, lembra, da umbanda, da incorporação. Morria de medo. Mas eu achava que não tinha atabaque, eu morria de medo do batuque, eu não sei porque eu lembrava de criança e tinha medo. A umbanda pra mim me remetia a medo, então depois eu fui pra Federação Espírita fiz curso lá, cheguei a ser convidada a trabalhar porque essas pessoas, quem tem uma ligação com sacerdotal, reconhece quem tem missão mediúnica, eu sempre tive, desde a igreja evangélica, que eu era convidada mas nunca aceitei, engraçado isso, a ser, como eles chamam lá, obreiro, eu nunca aceitei cargo em lugar nenhum, só na

umbanda que eu aceitei trabalhar porque eu acho que tava na minha hora e era o lugar certo. Então até que um dia caído todos os meus preconceitos, eu tenho 2 primos que desde quando a gente virou... A umbanda entrou na minha família por conta da minha mãe, lá na década de 70, né. Foi quando eu nasci em 73, então lá pra 76 minha mãe entrou na umbanda e levou, apresentou a umbanda pra família inteira. Minha mãe saiu da umbanda e uma parte, uma irmã dela, continuou, e os filhos dela até hoje trabalham no centro de umbanda. Um deles trabalha, que é o Renato. Então eu sabia que o Renato trabalhava no centro de umbanda e um dia eu, do nada, falei pra uma tia minha: “eu quero. Ah, você conhece?” “conheço!” “me leva?” eu fui. E fui pra, cara, porque eu tinha perdido o medo e fui conhecer a tal da umbanda. E conto a história que eu senti?

Entrevistador: conta.

E quando eu cheguei lá minha prima que trabalhava lá, irmã desse Renato, achou que tinha acontecido alguma coisa muito séria tinha acontecido, ela chegou toda assustada “o que que você tá fazendo aqui? O que que aconteceu? E eu com cara de turista, né, tipo olhando tudo “nada ué, vim conhecer” “ahn, é que as pessoas só vem aqui quando o calo aperta”. E eu sei que é, hoje eu vejo que isso é verdade, mas eu não, cara, eu fui porque eu perdi o medo e quis conhecer, eu quis confrontar a minha lembrança de infância com a A. adulta com 40 anos de idade, que é bem diferente. E eu lembro da minha prima perguntado pra mim “a tua mãe sabe que você tá aqui?” e eu até me ofendi e falei “não, eu tenho 40 anos ela não tem nada a ver com isso.” Tipo, para que eu mando na minha vida. E quando começou, que a umbanda é toda ritualística, então vem defumação, e aquela cantoria toda, e os atabaques, eu me vi assim, do lado da minha tia, e minha tia queria conversar e eu já entendia, eu já entendi naquela ocasião que ali não era hora de conversar, que ali era sério, que era alguma coisa muita séria acontecendo que merecia o meu silêncio e respeito e eu fiquei vidrada o, e algumas coisas eu lembrava, vinha na minha cabeça flashes do começo, do, Pai Oxalá, o canto a Omulu, o ponto de Omulu, acho que o ápice de eu começar a chorar, porque eu lembrei de mim criança, que é “Meu Pai Oxalá é o rei, venha me valer” e eu fui remetida a uma idade de 5, 4 anos de idade, ouvindo aquilo não sabendo o que queria dizer. E eu com 40 também não sabia o que queria dizer, mas eu achei lindo, e comecei a chorar e coincidentemente que não existe pra mim, era uma gira de caboclo de Oxossi, então quando os caboclos começaram a descer e com o brado, foi aí que eu comecei a chorar feito uma idiota, que eu fiquei com vergonha mas não conseguia parar de chorar, e foi aquele “loooooo” do caboclo, aquilo arrepiava e se eu começar a lembrar eu começo a chorar de novo, daquele momento, “por que?” Hoje eu sei, porque eu sou filha de Oxossi, a minha chefe, a chefe da minha coroa, é uma cabocla de Oxossi, então ela devia tá lá comigo, porque, o que que a pessoa vai chorar com o grito dos outros, os outros saem correndo e eu fiquei emocionadíssima. Aí meu coração acalmou, começou a chamar, minha tia tinha chegado cedo e nossas fichas eram no começo e eu não quis falar com nenhum primo meu, não quis falar com ninguém que me conhecesse, e falei “pega qualquer um aí” e foi um médium que não está mais lá, que chama Fernando, lá fui eu no caboclo, falar com o caboclo dele, e ele perguntou o que eu queria e eu respondi “o que você quiser me dar” porque eu vim conhecer e eu to um pouco emocionada e ele me falou “você vai entender porque você tá emocionada daqui um tempo, então

agora seja bem vinda” e ele foi todo, todo caboclo pra mim é fofo, eu acho que caboclo por mais bravo que ele seja, ele é fofo, entendeu. Pra mim, a minha paixão por caboclo é uma coisa absurda. E fui embora felizona e continuei frequentando mas eu não era frequentadora, não me dizia umbandista, eu ia e escolhia as giras para ser bem verdadeira. Eu ligava pra minha tia na terça e falava “e aí, o que que vai ser amanhã lá?” “Ah, é baiano.” Eu tinha preconceito com baiano, então não vou. Uma idiota porque hoje eu adoro giras de baiano, mas na época eu não gostava, porque quando eu era criança eu tinha medo da baiana da minha mãe, que ela dava bronca, então eu não queria ir em gira de baiano para levar bronca, to fora. Mas se fosse preto-velho, caboclo de Oxossi eu ia, Exu eu também tinha medo, até que eu fui na primeira gira de Exu e perdi o medo. Que eu peguei justamente um Exu ótimo, não bravo, engraçado, gozador, que é o do Márcio, que ele pegou a minha mão, eu lembro direitinho, ele olhou pra mim na hora que eu cheguei, e ele não me conhecia, eu cheguei cagando de medo, desculpa falar isso, mas tava me cagando de medo, porque Exu na igreja evangélica é diabo gente, lá vou eu, lá vou eu falar com o diabo. Eu tava lá e fui embora, eu pensei em ir embora umas 30 vezes mas alguma coisa falava fica, fica, sua louca, você não veio até aqui, fica. Quando eu entrei era seu Exu Veludo, que eu chegando perto dele, ele olhou pra mim e deu uma gargalhada que eu quase dei meia volta e fui embora. Eita! Parei na frente dele e ele fez “tá com medo?” eu falei pra ele “morrendo” aí ele “fica com medo não, eu não vou morder, não vou te bater, não vou fazer nada, só vou te limpar, pode ser?” depois da risada que ele deu e eu assim “pode” e ele “então tá, fica quietinha, quer fechar o olho fecha, quer deixar o olho aberto, deixa, você que sabe” vou ficar com o olho aberto. E ele pá, pá, me limpou com o charuto dele, com pinga, parou na minha frente “tá melhor agora?” “ainda não” e ele gargalhou. E ele “me dá sua mão” quando ele pegou minha mão, na verdade ele puxou meu braço, “você deu volta (bateu no meu braço) aqui tem veia de macumbeira, minha filha” eu, como que ele sabia? Eu fiquei olhando pra cara dele “É?” e ele olhou pro cambona e disse “ela tá se cagando!” e eu “to mesmo” porque ele é bocudo né. E eu “to mesmo” e ele “vai passar esse medo, esse medo vai virar admiração” “não, não é desrespeito” e ele “não, você não tá me desrespeitando, se tivesse me desrespeitando, como que ele falou, se você tivesse me desrespeitando eu te desmontava aqui, mas é que o medo é tão grande que nem pra desrespeitar você teria coragem”. E eu assim, muda, e ele “vai, vai embora” tipo, acabou, fui embora, minha tia perguntou “e aí, o que que você achou?” falei “cara, não sei, não foi ruim, mas o meu medo era tão, tão forte, que eu falei, na minha cabeça eu ia falar com o diabo, você entendeu? Era isso que eu tinha na cabeça, era isso.

Entrevistador: Você já trabalhava no terreiro quando você passou com o Exu pela primeira vez?

Não, eu era assistência. Mas foi assim também, eu comecei a entrar na assistência, escolhendo gira como eu falei em agosto de 2015, eu entrei pra trabalhar, eu fui convidada pra trabalhar pelo caboclo em dezembro de 2015. Então eu fiquei 4 meses só na assistência, até que eu fui convidada a trabalhar. Hoje eu sei que tem uma fila imensa pra trabalhar, mas não é mérito meu, não é isso, mas era a necessidade dos meus guias de trabalharem e de repente e quanto meu espírito tava pronto pra aprender ou já era mais certinha, sempre fui certinha e muito respeitadora, então talvez eu não tivesse tanto trabalho comigo nesse sentido. Mas

eu não sabia nada da umbanda lá quando eu entrei, eu não sabia nem porque o povo baixava lá pra bater cabeça, não tinha amenor ideia do pra que servia a defumação, fui aprendendo depois.

Entrevistador: Há quanto tempo você é umbandista?

Você disse que começou em dezembro de 2015, passei 2016 e agora estou em 2017. Então é 1 ano e 3 meses.

Entrevistador: Você já trocou de terreiro?

Não e nunca visitei outro de umbanda.

Entrevistador: Você já frequentou mais de uma religião simultaneamente?

Não, simultaneamente não. Eu sou coxinha. risos

Entrevistador: Há um sermão inicial no seu terreiro?

Há uma palestra que a mãe de santo geralmente ela que profere, ela que separa o texto, geralmente ela lê os textos, ela pega de livros, ela pega da internet, então ela faz sim uma abertura onde ela lê algum texto, geralmente de fundo espírita, com fundo moral espírita, geralmente.

Entrevistador: Você crê que isso seja similar ao catolicismo ou ao espiritismo?

É espiritismo.

Entrevistador: Há uma sequência para as giras?

Não, ou seja, pera, eu acho que não, eu só falo assim, lá o que eu percebo que é, não é que percebo, eu tenho certeza, só tem uma gira fixa, que é no fim do mês, a última gira, a última quarta-feira do mês é para Exu, é para esquerda, né. Porque as moças também tão lá e os Exus-mirins tão todos lá, é pra esquerda, a última quarta-feira do mês. Mas não tem uma lógica, ah depois do baiano vem o boiadeiro, ou vem o caboclo. Se tem eu sou desligada e não percebi, a única que eu falo, a única sequência que eu falo é a última que é a de esquerda. Ah, e tem outra coisa mas aí é ano tá, sempre começa com gira de Oxossi, SEMPRE, todo ano, eu descobri lá que começa com Oxossi e termina com baiano. Nunca perguntei por que terminava com baiano. A última gira do ano é sempre baiano. Não sei porque.

Entrevistador: Qual é o papel do Exu no seu terreiro?

Eu vejo ele com uma importância muito, muito grande. Até porque sem Exu não se faz nada, a gente canta isso e a gente acredita nisso. Eles são os guardiões, aqueles que guardam o quarteirão, que guardam a porta do terreiro, guardam a, eles guardam a nossa trunqueira, mas eles são também os faxineiros do astral, são eles que fazem a única gira que tem fixa é do Exu, a importância deles ali pra limpar tudo

aquilo. Então eles são grandes guardiões, grandes faxineiros que fazem a limpa da coisa, entende.

Entrevistador: Até pela sua família ser umbandista, você percebeu mudanças no comportamento dos Exus nos últimos 40 anos?

Assim, o que eu posso dizer, o que eu vivo é 1 ano e pouco. Não vejo isso, não vivi isso, não vi essa diferença de Exu, precisaria de muito tempo de terreiro. O que eu posso falar é do que eu ouço falar de quem eram os Exus na época da minha mãe há 40 anos atrás. Na época dela os Exus devolviam as demandas, derrubavam as pessoas, pelo que eu ouço é isso. Eram Exus de... “não brinca com o Exu”. Tanto que eu cheguei no Exu me cagando por causa disso, tinha medo deles, né. Não só porque era diabo na igreja evangélica, porque eu sabia que era uma figura vingativa, uma figura de fazer coisas contra as pessoas. Os Exus que eu ouço e que eu cambono hoje, e que eu ouço nas consultas que eu não posso falar muito porque é antiético, quem pede alguma coisa que acontece, tem todo tipo de gente, que pede alguma coisa ruim contra alguém, eu ouço eles falando assim “ah pode deixar que eu vou cuidar dessa pessoa” e uma vez eu perguntei “o que que você vai fazer com essa pessoa?” ele olhou pra mim e falou “eu vou proteger essa pessoa, porque essa que saiu daqui agora quer o mal dela, eu vou proteger, vou mandar os meus companheiros protegerem aquela pessoa e eu vou cuidar dessa pessoa pra ela não querer mais o mal dos outros, pra mudar o pensamento dela, então quem eu vejo hoje, o que que eu vejo do Exu do hoje, é um espírito de luz comprometido com a lei do amor e da caridade. Por mais que ele ande em terrenos, o campo de força dele seja cemitério, lugares ombralinos, baixos, ele tem compromisso com a evolução espiritual de cada um de nós, e principalmente com a dele próprio.

Entrevistador: Pratica-se quimbanda no seu terreiro?

Não

Entrevistador: Seu terreiro pratica ritos de sangue ou sacrifício animal?

Nenhum dos dois, não.

Entrevistador: Você enxerga alguma semelhança do terreiro com uma igreja católica ou um centro espírita?

Tem semelhança, e tem semelhança com os 2. Porque você vê que no altar lá, você tem santos católicos que são sincretizados com os orixás, você tem a defumação que é própria das missas católicas e como espiritismo você tem as palestras e a própria fala dos guias com relação a evolução, com relação as leis universais de plantio e colheita, né. Leis carmicas que são muito próprias do kardecismo.

Entrevistador: Qual a sua opinião sobre a fusão entre o catolicismo e a umbanda?

A minha opinião é assim, é necessária, foi necessária, eu penso na origem da umbanda, que a umbanda ela nasceu do próprio candomblé que foi uma religião trazida por negros escravizados, foram escravizados, foram tirados do seu seio familiar e eles vieram com a própria fé, mas chegando aqui eles eram, eles valiam menos que animais, cara, então quando eles batiam o tamborzinho deles, quando eles faziam as oferendas, quando eles faziam os cultos aos orixás ancestrais deles, eles apanhavam, morriam. Então eles tiveram como forma de não apanhar tanto e até de sobreviver, eles tiveram que aceitar aquele catecismo que foi imposto e eles fizeram um sincretismo. Ah, Oxalá é um orixá que é o orixá criador e Jesus Cristo morreu pelas pessoas, então Oxalá é Jesus Cristo, você entende? Foi uma coisa muito assim, então eu acho que foi uma questão de sobrevivência de uma inteligência que eles tiveram, uma inteligência emocional e espiritual muito grande. Então eu vejo isso, minha opinião é que foi necessária, foi muito necessária.

Entrevistador: Você acha que tem fusão entre o candomblé e a umbanda?

A umbanda ela tem raiz no candomblé, então tem muita coisa, o fato da gente bater cabeça para orixá, orixá é do candomblé, os orixás são os deuses representantes da natureza lá no candomblé. A umbanda tem menos orixás, são apenas 7 linhas, no candomblé tem muuuitos orixás, que eu não sei nem os nomes. Então assim, a fusão, não é bem fusão, ela é uma descendência natural, claro que hoje a umbanda tem a sua própria personalidade. Eu vejo a umbanda com a sua própria personalidade, mas se a gente bate cabeça, eu bato cabeça pra Oxalá, eu bato cabeça para Nanã, eu bato cabeça pra Oxossi.

Entrevistador: Você acha que a umbanda tem semelhanças com alguma outra religião? Por exemplo: o catolicismo, o espiritismo ou candomblé?

Eu acho que com as três. E eu vou falar uma coisa assim sabe, eu não acho que isso torna a umbanda uma religião sem personalidade, muito pelo contrário, a fusão de repente dessas 3 grandes religiões formou, deu ali a sustentação da umbanda para ela ser ela, ser quem ela é, essa é a minha visão. Ela tem sim grandes e fortes influências dessas 3 religiões.

Entrevistador: O centro que você frequenta é filiado a alguma Federação Umbandista?

Hoje não é, aliás, há um tempo que não é e eu cheguei a perguntar pro meu primo que tá lá desde a criação do centro, há muito tempo, por que não? Achava que era por causa de grana, de ser caro a anuidade, e não é isso. É porque na federação, quando você é filiado a uma federação você é sujeito as regras daquela federação. E a umbanda não tem uma bíblia, não tem uma regra só, cada um faz a sua umbanda, né. E na federação então você é obrigada a ter graduação de guia, guia de colar, colar mesmo, não é guia espiritual, é guia de colar, ah se você tem um ano de umbanda você tem que ter uma branca guia assim, contorcida, quem faz 3 anos de umbanda, olha veja só, parecido com o candomblé, com as deitadas dos anos do primeiro ano, 7 anos, você entende como na federação tem que abraçar todas as umbandas, ai misturam-se muito mais o candomblé, as outras umbandas cruzadas do que a própria umbanda pé no chão. E o centro que eu frequento é

umbanda pé no chão, é umbanda mais pura, onde todo mundo se veste de branco, onde não há, não tem cocar de caboclo, porque não pode ter pra não haver diferenciação entre guias e médiuns, porque alguns médiuns podem mais, financeiramente, aí compra o cocar que vai até o chão e o outro pode comprar uma pena, e aí qual caboclo é mais forte, o que tem uma pena ou o que tem um cocarr que vai até o chão? Nenhum é mais forte, é uma corrente, é todo mundo igual. Então eu me identifico mais com esse tipo de umbanda, e a federação ela traz essa diferenciação mais forte, entende. Ela traz essa, aonde os centros filiados a federações eles são obrigados a cumprir as regras e nem sempre as regras são da umbanda pé no chão que é pouca regra, que é a regra mais simples que tem a regra da graduação de guia, você tem a regra que tem que receber, você é obrigado a receber outros pais de santo no seu terreiro, aí para tudo que você tá fazendo, porque vai chegar uma celebridade. Quando você não é filiado, você não é obrigado a receber ninguém ou melhor, quem chega é bem vindo igual a todo mundo. Então não tem reverência, não tem sabe, é isso que quando ele me explicou, ah então a gente não precisa, foi bem isso que eu pensei.

Entrevistador: E você acredita que essa Federação tem algum papel para os umbandistas?

Olha, então como lá não tem aí eu não vejo muita lógica nela. Mas eu acho que tem sim, porque ela acaba representando, se ela fosse a toa não existiria, né. Então, alto lá A., não vamos ser arrogante, ela tem lá o seu papel sim. Eu acho que é um papel, de repente importante, vamos lá, se acontecer alguma coisa séria dentro de um terreiro e esse terreiro for filiado você pode denunciar a uma federação, né. Você pode denunciar porque coisas sérias acontecem, eu soube de um caso de uma grande amiga minha em que ela ia num terreiro que não era filiado, porque se ele fosse ele estaria banido, mas tudo bem que o único, a única coisa ruim que acontece com a pessoa é que ele é banido. Em que o Exu dele olhava pras moças e dizia você tem que dormir com o meu cavalo, isso acontece. E isso aconteceu com uma amiga minha. Isso é sério. Acho que é por isso que eu não vou visitar outros centros, você entendeu, porque eu não quero me sujeitar, uma que eu não posso, como a minha coroa tá aberta porque eu to em desenvolvimento, eu não posso cruzar com outros, com outros, outras energias, mesmo em visitação. No candomblé (uma festa de 7 anos que AAO participou) eu fiz uma consulta antes de ir, ah é uma festa, se é uma festa pode ir. Mas se fosse algum, eu não posso. E eu não iria em respeito também aos guias que estão trabalhando por mim lá, que não são só os meus, tem os guias da corrente, os guias das mãe de santo, então eu não vou fazer isso. Quando eu tiver com a coroa formada, do jeito que eu sou curiosa, eu vou visitar outros. Mas depois de muita referência, entendeu, porque eu não vou querer pisar num lugar como esse aí que eu te falei, por exemplo. Porque se eu ouvisse de um Exu, eu ia olhar e falar “o senhor me dá licença que isso é misticismo, não é incorporação. Ou o senhor não é um Exu coroado, não é de lei. Então não te respeito, porque o meu é.” Entendeu, então pra evitar eu não iria. Então eu acho que a Federação tem essa, porque é fácil abrir um terreiro de umbanda. Se eu quiser abrir, se eu fosse uma leviana louca, e tem muita gente leviana e louca, eu abriria. É fácil, é só falar que, inventar que eu faço milagre, fingir que eu to incorporando, algum espírito de muita luz e afastar meus móveis e começar a fazer a, e fazer gira.

Faz fumaça fingindo que é defumação, você entendeu. E tem isso, então a federação acaba inibindo essa coisa.

Entrevistador: Há algumas instituições que recebem isenção de impostos. Você sabe se o centro que você frequenta recebe algum tipo de isenção?

Acredito que sim, até porque o centro que eu frequento ele é totalmente legalizado, totalmente. O filho da mãe de santo, ele tem uma empresa de contabilidade, ele é contador, então o cara é certinho. Mas por ser uma instituição religiosa, eu acredito que sim. Embora eu tenho visto já, porque eles prestam conta dos gastos, aluguel, gasto com água, luz, eu nunca vi imposto ali. Então, se não tá ali é porque não tem imposto.

Entrevistador: Seu círculo social (seus amigos pessoais, seu trabalho, sua vida social em geral) sabem que você é umbandista?

Então vamos separar meu círculo social, meus amigos da galera do meu trabalho, tá. A galera do meu trabalho não sabe, não sabe por conta do pré conceito que tem com a umbanda, por falta de conhecimento né. Que acha que faz mal, que faz macumba, que macumba é pra ferrar a vida das pessoas, ou pra ganhar alguma coisa com a lei. O meu círculo social, geralmente, geralmente não, 100% e meus amigos é a mesma coisa, eu só convivo fora do trabalho com pessoas com qual eu gosto, e essas pessoas que eu gosto elas sabem que eu sou umbandista sim. Pedem ajuda, ou vão no centro, ou vão visitar, ou pede axé, entendeu. Fala lá com o guia sobre mim, isso acontece direto. Minha família também sabe.

Entrevistador: Você já sofreu algum tipo de preconceito em virtude da sua religião?

Não, por que eu acho. Não, mas o que que eu vejo, embora já tenha andado de branco no metrô, eu pego uber de branco, nunca sofri preconceito. Nunca nenhum uber foi embora “ah, não vou atender macumbeira” (risos). Nunca aconteceu, nunca tava, aqui no prédio mesmo eu chego, eu não me troco quando eu saio, eu saio com a roupa (*roupa branca*) pra não perder tempo (*a gira termina tarde e acontece às quartas-feiras*) e nunca sofri preconceito por estar de branco. Nunca. E no meu ciclo de amizade são pessoas do meu bem querer, então elas nunca me rejeitaram por isso, nem familiar, nem ninguém.

Entrevistador: Você acha que os católicos são preconceituosos com os umbandistas?

São, por desconhecerem. São.

Entrevistador: Você acha que os espíritas são preconceituosos com os umbandistas?

São, são os mais preconceituosos. Eles acreditam que os espíritos que incorporam na umbanda são espíritos menos evoluídos, porque são espíritos de negros, de índios, né, de baianos, de boiadeiro, quer dizer, o que é o boiadeiro.

Quem é o boiadeiro? O boiadeiro é o nordestino, né. E aí na cabecinha, posso falar, vou falar, pequena deles, são espíritos inferiores. Pobres coitados! Porque na verdade, aqueles espíritos estão dentro de um arquétipo da umbanda para serem respeitados como tais, mas são espíritos de alta luz, exatamente iguais aos mestres, aos mentores que você encontra numa mesa redonda, numa mesa branca.

Entrevistador: Você acha que os candomblecistas são preconceituosos com os umbandistas?

São também. São, eu sei que são, porque que eles são. Porque eles acham que a umbanda é água com açúcar, café com leite quando a gente brincava que era criança. Ah, a umbanda não vale muito, porque. Porque a umbanda ela não tem aquela nação, aquela raiz ketu, angola, né. Todo aquele povo, não tem isso. A umbanda ela é, ela vem do candomblé, mas ela não cultua os mesmo orixás. São orixás maiores, não os menores. Ou não, como eles falam, as qualidades dos orixás. Eu não vou nem saber os nomes, das qualidades dos orixás. Eu sei que é Oxum, mas não sei quantas qualidades que Oxum tem dentro do candomblé. E é Oxum cruzado com não sei quem, e na umbanda são os Orixás maiores, é Oxum, é Oxossi, é Xangô, é Ogum, entendeu, Obaluaê e ponto. É Oxalá, e o candomblé acha que é café com leite, porque não cultua todo mundo e porque tem os arquétipos, porque por exemplo no candomblé você não tem o preto-velho, você não tem o caboclo, porque a umbanda veio com essa proposta de dar voz aos menos, aos menores, aos pequenos. Tem um ponto na Umbanda que eu amo que fala “pedrinhas de aruanda, aué/ Quem pode mais é Deus do céu, Jesus, Maria, José/ Pedrinha miudinha dentro dessa aldeia/ Uma é maior, outra é menor/ A mais pequena é que me alumeia. Olha o catolicismo. Eles falam que são duas pedras, e a mais menor, falam errado. O arquétipo é da simplicidade, são das pessoas mais simples que pisaram no Brasil.

Entrevistador: Dentre entras religiões, os católicos, os espíritas e os candomblecistas, qual você acha que é o mais preconceituoso?

Eu acho que é o kardecista, por conta dessa coisa do, os meus mentores são de luz, os espíritos da umbanda são os escravos que tem raiva ainda dos senhores dos engenhos. Mentira. Menos, não é verdade.

Entrevistador: Qual você acha que é a razão de ainda existir preconceito com os umbandistas?

A razão são os próprios umbandistas, porque quando a pessoa é evangélica, testemunha de Jeova, bate na sua casa no sábado às 8h da manhã pra pregar a palavra deles, o evangélico bate no peito e fala com o maior orgulho. Usa uma saia lá no tornozelo de orgulho de ser evangélico, o católico ele faz procissão e fala “eu sou católico” e bate no peito, o candomblecista também tem orgulho. O espírita fala eu sou kardecista, sou mesa branca, o umbandista ele não fala. Ele se disfarça, ele fala que ele é espírita, ele fala que é católico, ele fala qualquer coisa, menos umbandista. Mas toda semana tá lá batendo cabeça para os guias da umbanda, então a culpa é nossa. E eu to no meio.

Entrevistador: Desde que você frequenta a umbanda, seu terreiro já sofreu repressão policial?

Não, nunca aconteceu. Eu nunca vi e também nunca soube disso. Então assim, uma coisa, o lugar onde a gente tá lá, é no Cambuci, que é um bairro de classe média baixa, né. E eu soube que tinha um ponto, pelo contrário, vou contar uma história que mostra proteção. Tem um ponto de drogas ali, inclusive tem PCC, porque droga atrai dinheiro, e PCC é bem organizado. E eu soube que quando eles foram, as pessoas, meu primo, o filho da mãe de santo, foram escolher o lugar pra alugar, eles chegaram a conversar com o chefe do tráfico que soube o que seria e disse “então ótimo, se vocês alugarem aí nós vamos mudar o ponto de droga para outra esquina em respeito a vocês, e nada vai acontecer com vocês” Perguntaram o dia da gira, é de segunda as vezes e de quarta, e nunca nós soubemos de nenhum carro ter sido aberto, ter sido saqueado, nenhuma pessoa foi abordada, porque realmente eles cuidam daquele lugar, e a polícia quando passa, ela passa numa boa, respeita, sabe. Ve toda aquela galera de branco, nunca pararam, nunca. Eu, desde que estou lá, e eu nunca ter ouvido, nunca ouvi.

QUESTIONÁRIO 3

Nome: I.M.S.

Idade: 62 anos

Sexo: Feminino

Profissão: Aposentada

Grau de escolaridade: 2º grau

Estado civil: divorciada

Religião: umbandista

Entrevistador: Você já foi de outra religião ou sempre foi umbandista?

Eu nasci em berço católico né.

Entrevistador: E do catolicismo você já foi pra umbanda?

Fui pra umbanda.

Entrevistador: Há quanto tempo você é umbandista? (54 anos)

Olha, quando eu fui pra umbanda eu tinha 8 anos, né. Eu fui pra umbanda, aí eu não fiz parte mais do catolicismo, porque, sabe, eu me encontrei e fiquei lá e to até hoje com 62 anos, então eu nasci em berço católico, como eu falei, mas eu fui pra umbanda e realmente assumi a religião e fiquei lá. Não fui mais pra lugar nenhum.

Entrevistador: Como você conheceu a Umbanda?

Foi numa festa de lemanjá (risos). Inclusive eu ia fazer primeira comunhão e eu optei pra ir pra festa de lemanjá.

Entrevistador: Qual a razão de você ter ido a uma gira na umbanda pela primeira vez?

Foi o conhecimento, sabe, eu fui buscar conhecimento.

Entrevistador: Alguém da sua família já frequentava a umbanda?

Não, ninguém.

Entrevistador: Como que foi o seu primeiro contato com um terreiro de umbanda? Como que você se sentiu?

Sabe, eu acho que, sabe, já é de ancestralidade. Eu me senti bem, sabe, foi uma coisa que me tocou bastante, sabe, eu falei é aqui que eu vou ficar, sabe, e realmente, não procurei mais outras religiões, nem a católica que, como eu falei, nasci em berço católico, fui batizada e tudo, mas aí eu já, eu já não fazia, não faço parte, eu vou visito igreja, se tiver casamente, batizado, mas assim pra mim frequentar missa, nada, não vou.

Entrevistador: Você já trocou de terreiro?

Sim.

Entrevistador: Você já frequentou mais de uma religião simultaneamente?

Não.

Entrevistador: No seu terreiro há um sermão inicial?

Há uma prece, que eles fazem uma prece, fala pras pessoas o que é o terreiro, como que é, é uma prece inicial, principalmente pra quem ta conhecendo, pra quem tá indo pela primeira vez né. Eles falam como que é, como deve ser, como deve se portar, principalmente vestimenta, né. Porque não é por ser a umbanda que é, realmente, as pessoas possam usar qualquer traje, então tudo isso é falado que é pra pessoa ficar ciente, que é uma religião e precisa manter um respeito, né.

Entrevistador: Há uma sequência pras giras?

Como assim você fala de uma sequência?

Entrevistador: Por exemplo, se há uma sequência da primeira semana ser pra caboclo, a última semana ser pra Exu ou pra esquerda.

Seria o certo, mas nesse terreiro que eu frequento não acontece.

Entrevistador: Qual o papel do Exu no seu terreiro?

Exu, olha, eu vejo assim, é o curador. Então as pessoas tem uma ideia errada de Exu que é só pra fazer o mal, ou então é pra fazer certos tipos de, arrumar casamento, e não é isso. Exu é um agente curador, é uma “pessoa” que presta conta, então, como se fosse assim por exemplo, tem uma descarga, uma pra fazer, é o Exu que vai fazer, então um caboclo que vai orientar, ele vai ficar perto do Exu para orientar aquela, a pegar o mais pesado, ele não vai por a mão naquilo, é o Exu que vai. Mas necessariamente não é pra fazer o mal, então ele vai retirar o mal, coisa que o caboclo vai orientar, ele não vai pegar, por exemplo, uma demanda o caboclo não vai lá pegar, é o Exu que vai tirar, por exemplo a pessoa chega lá com obsessor é o Exu que vai, caboclo pode fica do lado mas não se intromete, isso é trabalho pra Exu.

Entrevistador: Você percebeu mudanças no comportamento dos Exus nesses últimos 40 anos?

Não é nem mudança na entidade, é mudança dos médiuns. Alguns médiuns ficaram mais conscientes porque era aquela coisa errônea. Exu faz o mal, Exu é o diabo, não, então não, e não é isso. Porque praticamente Exu, não que ele seja um transgressor da lei, mas vamos supor assim, ele é um anjo caído, é um anjo que transgrediu lei e ficou na posição de Exu.

Entrevistador: Pratica-se quimbanda no seu terreiro?

Não. Quimbanda não.

Entrevistador: Seu terreiro pratica ritos de sangue ou sacrifício animal?

Não, também não. Na umbanda a gente não tem esse comportamento, né. Isso de sacrificar animal, isso mais com o candomblé. Mas geralmente deles, é fundamento deles, africano, que se sacrifica o animal, mas tem todo um ritual, tem todo um preceito, não é vamos pegando o animal assim e sacrificando. Então tem todo um ritual e é em último caso, então geralmente a pessoa do candomblé que vai praticar esse ato, por exemplo, vai trocar, vai fazer troca, uma vida, por exemplo, a pessoa tá com um problema muito sério, por exemplo, é uma quimbanda, um ponto de morte, então se sacrifica o animal em prol daquela situação, mas não é, não é costumeiro realmente você ficar sacrificando animal para poder fazer ritos. Num caso desses é uma troca, então, mas o animal, conversa como animal, reza, e o animal ele se doa para aquele ato. É assim.

Entrevistador: Você enxerga alguma semelhança do terreiro com uma igreja católica ou um centro espírita?

Com a igreja católica sim, porque você vê tem terreiro que reza o Pai Nosso, realmente tem santos católicos, que nem, tem a imagem de Nossa Senhora Aparecida, tem várias imagens que pertencem a religião católica, né. Agora com centro espírita, por exemplo, de Kardec já não. Kardec não, Kardec é totalmente, realmente, um terreiro, a não ser que seja um terreiro que pratique, por exemplo, a cura espiritual, que queira trabalhar, mas aí são dias separados. Pratica a umbanda e pratica o mesa branca também, mas aí são ritos diferentes, não se mistura com a umbanda. O kardecismo realmente não entra nisso, vai fazer um trabalho de cura e de desobsessão, no ritos de Kardec, pelo menos o dirigente tem que ter essa consciência, é separado. Não dá pra misturar a umbanda com kardecismo junto. Não dá.

Entrevistador: Qual a sua opinião sobre a fusão entre o catolicismo e a umbanda?

Então, o catolicismo se fundiu com a umbanda por que? Antigamente não podia falar na umbanda, então, era assim, olha, que nem Nossa Senhora Aparecida, ah é Oxum, então não. O pessoal da umbanda praticamente, foi o pessoal da escravidão, então eles faziam essa fusão, “olha não pode falar em Oxum então fala em Nossa Senhora da Aparecida”. E o catolicismo, então as pessoas aceitaram, ah, Nossa Senhora Aparecida tudo bem, se falasse Oxum não (risos), mas Nossa Senhora Aparecida, que nem São Lázaro, sabe, tudo bem. É santo né. Então deu-se essa fusão por isso, mas é erroneamente. Então tem festa, Oxum é Nossa Senhora da Aparecida, não tem nada a ver. Nossa Senhora da Aparecida é Nossa Senhora da Aparecida, Oxum é orixá, então, tem uma, fundiu essa fusão porque não podia falar abertamente de Oxum então falava de Nossa Senhora Aparecida, mas são linhas totalmente diferentes, Oxum é um orixá, Nossa Senhora Aparecida é um santo sincretizado lá pelo catolicismo.

Entrevistador: E já aproveitando dos orixás, você acha que tem fusão entre o candomblé com a umbanda?

Então, olha, hoje em dia tá uma mistura muito grande, sabe. Então até o pessoal do candomblé anda meio, sabe. O candomblé, o verdadeiro candomblé de roça, não faz fusão, até por hoje em dia na umbanda fala assim, na umbanda tem orixá pra trazer o orixá do candomblé pra umbanda. Não dá. Olha, eu estudo muito e tenho conhecimento com vários babalorixá, e umbanda não é quimbanda, e candomblé é só africano. Umbanda é umbanda, então são guias espirituais, guia espiritual, caboclo, preto velho, tudo. No candomblé é orixá, há outros, é outro segmento, é outro fundamento, é orixá. Orixá não fala, orixá não fala, e na umbanda tem muitos babalorixá que me perdoe, “ah tem que ter uma fusão”. Não, porque é diferente. Orixá é orixá, orixá não fala, quem fala pelo orixá é o erê, na umbanda não, na umbanda tem os caboclo, os caboclo fala, os preto velho fala, boiadeiro fala, então, muita gente hoje, hoje muito babalorixá, até um terreiro que eu frequentei “vamos fundir uma linha”. Não dá pra fundir uma linha, não dá, é muito complexo. Então os fundamentos do candomblé, é fundamento do candomblé, que nem ela

entra iaô e tem toda uma preparação, tem todo um fundamento e depois dela incorporar o orixá, coisa que na umbanda é diferente. Como que pode fazer uma fusão se o candomblé tem certos preceitos que não tem na umbanda, não dá. Eu vejo desse modo, muitos babalorixá entende que é tudo igual. Não é tudo igual

Entrevistador: Até os ritos iniciais, né. Porque no candomblé você tem lá que deitar e fica recluso

Fica recolhido, na umbanda não. Na umbanda tem uma coroação, e uma firmeza de cabeça, né. Uma firmeza de cabeça pra firmar os orixás, firmar os próprios médiuns, então é diferente do candomblé. Os preceitos são completamente diferentes. A pessoa tem que recolher, sabe, tem comida, e totalmente diferente mas infelizmente alguns babalorixás, mal informados, se pode dizer assim, acha que é tudo normal e que pode, mas não pode.

Entrevistador: Você acha que a umbanda tem semelhanças com alguma outra religião? Como o catolicismo, o espiritismo ou ao candomblé?

Olha, com o catolicismo tem os santos, tem o altar, já tem umbanda que realmente, sabe, é umbanda mesmo, sabe, não tem santo, nem nada, tem que ter ali a firmeza, mas não tem santo, eles não trabalham com santo, trabalham até com uma cruz ou alguma coisa, mas não trabalham com santo porque, tem muitos que são ligados ao catolicismo. Tem muitos babalorixás que são ligados ao catolicismo que é católico que já veio de berço católico então põe ali o seu santo, não tem problema, mas não vejo muito semelhança, se é umbanda, a umbanda é umbanda né.

Entrevistador: O centro que você frequenta é filiado a alguma Federação Umbandista?

Sim, é.

Entrevistador: Qual você acha que é o papel desta Federação?

É de fiscalizar, né. Mas, sabe, eu pelo menos particularmente, não vejo, tem as pessoas certas que vão lá e pagam o que tem que pagar, que nem quando vai fazer uma viagem para Santos tem que ir lá pagar a federação. Eles fiscalizam alguma coisa, nem tudo. Nem tudo eles fiscalizam, mas é ligado sabe, então qualquer coisa eles, que o terreiro venha a sofrer, eles respondem pelo terreiro, mas não tem muita fiscalização.

Entrevistador: Há algumas instituições religiosas que recebem isenção de impostos. Você sabe se o centro que você frequenta recebe algum tipo de isenção?

Não, não tem.

Entrevistador: Seu círculo social (seus amigos, sua vida social em geral) sabem que você é umbandista?

Sabem, e eu faço questão. Às vezes a pessoa, “que que a senhora é?”, a minha mãe já tem um comportamento, mas sabe de idade, ela fala “eu sou católica umbanda”, e eu digo “não, eu sou umbandista. Então quando eu vou falar eu sou umbandista. Eu fui fazer inscrição pra fazer ginástica e o menino falou assim:

- que religião é a sua?
- umbandista
- ah, eu não sei
- afro brasileira
- não sei
- aquela que bate o tambor (risos).

Depois eu te explico porque eu to atrasada. Não posso te explicar agora porque eu to atrasada, agora eu tenho aula. Qual a religião sua, o que é essa religião sua, a umbanda é afrobrasileira, ele também não entendeu, é aquela que bate o tambor.

Entrevistador: Você já sofreu algum tipo de preconceito em virtude da sua religião?

Não, nunca sofri, sabe. Nunca sofri porque eu também não vejo. Se eu vejo que a pessoa vai tentar, se eu vejo que ela vai me ofender, então eu já falo algumas palavras que deixa ela no lugar dela, igual eu fiz com a sogra da minha filha. Meu Deus, Jeová, olha você, a umbanda, né, vocês não vão se salvar, ah vamos, porque o pai é um só, a casa, a senhora Le a bíblia, leio, na bíblia tá escrito há muitas moradas na casa do meu pai, eu sou umbandista vou por uma porta, você é Jeová e vai por outra porta mas a casa é só uma, umbandista, católico, evangélico, é um Pai só. Então, (risos) só tem um pai.

Entrevistador: Já nem deixa começar?

Já corto logo, só tem um Pai. E esse Pai, realmente, recebe a todos, ou sendo umbandista ou sendo candomblecista, evangélico, todos vamos pra uma morada só.

Entrevistador: Você acha que os católicos são preconceituosos com os umbandistas?

São. Porque você vê, muitos católicos negam, tem aquela vergonha, eu sou católico, vai perguntar qualquer coisa, qual a sua religião? Católica. Igual minha mãe, sou católica umbandista. Eu não, sou umbandista. Todo mundo que

Qual a sua religião? Sou umbandista. Eu já falo, eu nasci em berço católico, mas eu não sou católica. Eu, pra ser católica teria que ser praticante, frequentar a

missa, eu não sou católica, então eu assumo que eu sou. Como eu posso falar que sou católica se eu vou só em casamento, se for pra batizar eu vou, eu não sou praticante da religião católica, então não sou católica né. Sou umbandista, tenho que assumir o que eu faço.

Entrevistador: Você acha que os espíritas são preconceituosos com os umbandistas?

Demais. Demais. Desde a época do Zélio Martins.

Entrevistador: O fundador?

Sim, que o Zélio Martins foi o fundador, praticamente, da umbanda. Ele era um médium, a mãe dele era do Kardec, era espírita, e um dia o caboclo baixou lá e os espíritas falou “Deus me livre, fora daqui, você é um espírito obsessor, ignorante. E ele falou “eu vou embora sim e vou fundar o meu terreiro, porque realmente eu vou, eu sou o Caboclo 7 Encruzilhada e vou fundar o meu terreiro e eu não faço parte de vocês, e começou por isso, porque o Zélio Martins a mãe dele, a família dele era espírita, porque ele passava mal e todo mundo levou ele lá e o caboclo baixou lá, porque eles acham que os preto velho são ignorante, espírito ignorante. O verdadeiro Kardec mesmo ele abomina a umbanda, tem um preconceito muito forte.

Eu sei que eu trabalhei numa casa espírita então, e sabe, a mulher, nossa era Kardec ali fechado, mas de vez em quando falava pra mim “me da um passe, eu fico bem com o seu passe” e eu não ia falar “olha, você nem sabe do passe” (risos) mas era sabe, não poderia falar em umbanda de jeito nenhum, e tinha médiuns, tinha pessoa lá que saiam da umbanda e falavam “vou lá” e as vezes eles tinham vidência e falavam “nossa, sua preta velha quase baixou” não vai baixar porque ela não é tonta, ela fica lá, me protege, me da sustentação porque o kardecismo eles não tem uma sustentação, ele não vieram com uma sustentação que nem veio a umbanda, se e é um trabalho pesado fica ali 100 anos falando “olha, por que você tá fazendo isso?” e eles doutrinando um espírito obsessor, Jesus não vai te perdoar. E o espírito “olha, não to nem aí pra você, você que se dane, eu vou fazer o que tem que fazer”. E na umbanda é diferente, é outro procedimento, você vai, e no kardecismo fica 100 anos ali fazendo aquilo porque eles não tem uma dominância com esse espírito obsessor porque o espírito obsessor ele vai perturbar a pessoa a vida inteira e eu não falo pra ele “Olha, Jesus vai tá bravo com você, você não vai ganhar sua luz. E ele falou “Não to nem aí, não to preocupado com a luz, eu quero é me vingar” (risos).

Entrevistador: Alguém que tá com sede de vingança não vai querer ser doutrinado.

Não, não vai, não adianta. Aquela novela a viagem, aquele espírito detonou muita gente ali, ninguém conseguia dominar ele. O pessoal fazia evangelho, oração, fazia tudo, e ele matava meio mundo (risos) e nada adiantava. O kardecismo, eles não tem essa sustentação, que nem médium que sai do kardecismo as vezes e quer ir pra umbanda, não tem sustentação, sabe. Se ele já veio doutrinado pra ser médium de kardecismo, ótimo, ele vai ficar ali, ele vai pra umbanda e vai se perder,

não vai acontecer nada. E já, que nem, eu fiquei 10 anos numa casa espírita porque eu precisava aprender um trabalho de cura, de cromoterapia, eu fiquei 10 anos lá, mas depois, eu aprendi tudo que tinha que aprender e os mentores falaram “pode retornar pro seu posto, porque ele não é aqui” Eu só fui pra aprender mesmo, porque o Kardec eles trabalham bastante com linha de cura, os médicos, eu aprendi muito com os médicos, tem o trabalho de cromoterapia que eu fiz, passe, muita coisa eu aprendi com os médicos, a anatomia inteira do corpo físico, o médico espiritual vinha e falava “aqui tá o fígado, o baço, pâncreas” coisa que na umbanda a gente não tem isso. O kardecismo tem, só que o kardecismo, sabe, é só Kardec, Kardec, é só Jesus, sabe, você pegar uma energia pesada também, muitas casas de Kardec, a pessoa faz o passe, a pessoa vai lá faz o trabalho de desobsessão mas se você não tiver bem, como que você não tá bem e você vai interagir com a sua própria energia, não dá, é onde muitos médiuns de casa espírita se adoecem bastante, porque eles pegam a energia e depois não sabem se limpar, né. Então tem que procurar uma casa de umbanda pra fazer um bom descarrego (risos). Porque o Kardec, só Jesus, Jesus, mas uma magia pesada, você fica ali 100 anos falando pro espírito, eu mesma já presenciei um espírito, um relato de um espírito dando comunicação dizendo “eu fiquei 100 anos procurando essa infeliz, vim encontrar ela numa casa espírita aqui. Fiquei 100 anos”. Então você vê, ficou 100 anos procurando ela, porque a pessoa tava com problema, não ficava bem, e aí a gente foi pedindo uma verificação por que que aquela pessoa não ficava bem e aí o espírito deu comunicação, ele falou “esperei 100 anos pra me vingar dessa infeliz e encontro ela aqui numa casa espírita, e eu vou continuar”. Então se a pessoa, se a pessoa não fosse procurar uma outra casa, o espírito, sabe, por mais que ele fosse doutrinado que falasse que ele ia permanecer no umbral, ele não quer nem saber e ia continuar. Se ele ficou 100 anos procurando, né.

E o candomblé, o candomblé assim, eu respeito o candomblé, gosto do candomblé, mas nunca me iniciaria no candomblé. Nunca me iniciaria, porque eu acho que, realmente, sabe, isso é meu, sabe, é a minha cabeça eu não aceitaria que fosse raspada. Não é que eu não gosto, eu tenho, sabe, eu não acho necessário sacrificar animais em prol de pessoas, só acho que se for num caso muito raro. Eu não me iniciaria porque acho que tem casos que preceito e acho que todo o fundamento, o preceito, tem que ser cumprido. Se a gente não quer, realmente, se a gente não tem uma afinidade maior, a minha raiz é da umbanda. Até tenho as guias que faz papel que trabalha no candomblé com magia e tudo, mas não pra me filiar no candomblé. Eles fazem a parte deles mas a minha raiz é da umbanda.

Entrevistador: Você acha que os candomblecistas são preconceituosos com os umbandistas?

Muitos sim. Porque você vê agora nessa modernidade que muitos babalorixá querem copiar o candomblé (risos). Esses dias mesmo lá no terreiro que eu frequento ele (pai da casa) queria, fez um ponto pra Oxossi, né. Oxossi é orixá, caboclo é ali na umbanda, e ele queria que cantasse o ponto na linhagem dos fundamentos do candomblé e o próprio Ogan falou “olha, o pessoal do candomblé não tá gostando” porque ele devia, eu não quero nem saber porque eu to cantando pra orixá. Ele ia empregar certos rituais que eram do candomblé. E o pessoal do candomblé não tava aceitando, isso dito pelo próprio ogã que canta no candomblé,

que canta na própria umbanda. Não tão gostando muito não, aí o chefe respondeu não quero nem saber, eu to homenageando Oxossi. E é certo, ia usar um toque totalmente do candomblé e o dirigente do candomblé disse que não tava certo. Até pra fazer, até o canto tem certos preceitos, né. Então, como tá essa fusão que tudo é igual, tudo pode se misturar que é uma coisa só, que não é cada um, né, cada um no seu espaço, né, respeitando a todo mas muitas, que nem o terreiro que eu frequento o pai de santo acha que todo mundo tem que dar a mão, lógico, todo mundo tem que dar a mão, mas cada um fazendo a sua parte, seguindo seus preceitos e seus fundamentos, não da pra misturar. Porque você vê até a cabeça do filho, do médium fica perturbada, né. Fica perturbada né, faz certas coisas que as vezes é prejudicial pro próprio médium. Que nem, contra egum, gente nem sabe, você vê, né, que nem quem usa contra egum tem certos preceitos, não pode tá bebendo, pra tirar pra fazer uma relação sExual tem que tirar o contra egum e eu já tive casos que pessoas de umbanda que vieram falar pra mim que tiveram relação “e agora” e agora teve relação sExual com o próprio contra egum, esqueceu. Entende? Então você vê, a pessoa não é orientada, dentro do candomblé a pessoa sabe que tem preceitos, a pessoa não vai fazer aquilo porque já tá orientada. E na umbanda põe aquilo lá e não tem ninguém que oriente melhor, a pessoa “ah, eu esqueci quando eu tava... e agora?” eu falei “agora você peça ago lá pro santo, se ele der ótimo, se ele não der também, paciência” Aquele negócio, ebó, se você vai tirar um ebó no candomblé tudo que você comeu você tem que guardar preceito 7 dias, não pode comer, por exemplo, faço feijão preto, não pode comer feijão preto. E aí, na umbanda, quero fazer ebó também, você vê, então, quem tá de preceito, você vê, você vai fazer ebó o dirigente já fala “olha, eu vou ficar de preceito e você também porque se quebrar”, não é que vai ter um castigo, é prejudicial pra própria pessoa, gente, se fez uma limpeza então, a energia tá correndo 7 dias, então ela tem que guardar aquele preceito, e as pessoas, você vê, a umbanda também quer fazer, mas não é assim, tem preceito, tem banho de erva, então é totalmente, sabe, mas a pessoa fica tão, eu chamo isso de ilusão “ah tudo pode” todo mundo, somos todos irmão, mas cada um dentro do seu ritual, não da pra misturar então você faz ebó, você passa todas aquelas coisas, o preceito é 7 dias, 7 dias sem relação, você fica, com contra egum, você tem que ver lugar que você vai, bebida alcoólica não pode, na umbanda põe contra egum e vai no bar, a outra tem relação, e aí? (risos)

Entrevistador: E dessas religiões qual você já viu mais formas de preconceito dos praticantes com os umbandistas? Entre os católicos, os espíritas e os candomblecistas.

Os espíritas tem mais preconceito, eles acham que tanto, eles veem a umbanda como um bando de ignorantes, loucos, e os candomblecistas como um povo bárbaro que mata os animais. Então os espíritas eles que tem mais preconceito. É que na visão deles só Jesus que cura, Jesus que salva, né. Tudo lindo, maravilhoso e a gente sabe que não é bem assim, mas, são os espíritas que eles tem mais. O catolicismo, você vê, eles vão na igreja recebe a hóstia, se o sapato aperta eles correm na umbanda, escondido, vê se não tem ninguém e vão pra lá, porque eu preciso me limpar, preciso resolver os meus problemas, depois eu vou na igreja e me confesso com o padre, né, e tá tudo certo.

Entrevistador: E qual você acha que é a razão de ainda existir preconceito com os umbandistas?

Eu acho que é a ignorância mesmo, sabe, ou o conhecimento, sabe, a pessoa é ignorante naquele assunto, então ela não sabe e já julga porque se ela, se tivesse, fosse mais aberto, tivesse mais conhecimento acho que não teria tanto conhecimento, mas ela vê e já julga, não vai procurar fundamento, como que é, como que não é, então ela já, ela nem sabe direito como que é a situação então ela já julga e já acha que né, já põe lá em segundo plano que não é bom, que é macumbeiro, então sabe, é o conhecimento. Se a pessoa tiver o conhecimento, que nem, eu respeito a igreja evangélica, que cada um, que nem eu falei, a casa do Pai é um só, há muitas moradas lá, então você vê, né, não precisa fazer esse tipo de preconceito, essa discriminação, né. Se todos, não somos todos filhos do mesmo Pai, então pra que essa discriminação né. Se o Pai é um só, né, eu falo, as vezes os evangélicos bate e fala só tem um Pai só, os evangélicos eles adoram Jesus mas são contra a mãe de Jesus, então Jesus veio da onde né. Você vê, então, o pessoal não tem conhecimento e julga, adora o filho e a mãe, então n[e. Nossa Senhora não existe, só Jesus, e ele veio da onde, meu Deus. É tão simples e o pessoal complica tudo, não sei porque. (risos)

Entrevistador: E desde que você frequenta a umbanda, seu terreiro já sofreu algum tipo de repressão policial?

Não, nunca sofreu.

Entrevistador: Você já esteve presente em algum caso em que a polícia invadiu a gira?

Não, até já vi bastantes policiais lá tomando passe, tentando se proteger acho que da violência, mas não nunca, pelo menos desde a época que eu frequento, eu nunca vi, nunca sofri nenhuma discriminação, nenhuma agressão policial, nada.

QUESTIONÁRIO 4

Nome: D.M.R.

Idade: 73 anos

Sexo: Feminino

Profissão: Aposentada

Grau de escolaridade: 2º grau

Estado civil: viúva

Religião: umbandista

Entrevistador: Como você conheceu a Umbanda?

Quando era mais nova eu fui obsediada por uma freira, eu tava noiva do meu marido e eu gostava muito de ir na igreja, assistir missa, sabe. Fui até filha de Maria, né. Ajudava na igreja, aí eu comecei a ficar obsediada e eu não percebia, e se eu chegasse perto de um santo eu ajoelhava e fazia o nome do Pai. Minha mãe tinha o coração de Jesus e eu ajoelhava e benzia toda hora. Rezava o terço, de madrugada minha mãe “D.” e eu “que foi, to rezando o terço”. Aí quando eu fiquei noiva, que eu pus aliança, eu peguei ódio do meu marido. Eu não deixava ele me beijar, não deixava ele fazer nada. Aí meu pai e minha mãe foi percebendo e falou “não, não é normal” aí um dia meu marido chegou num sábado, meu pai foi falar “seu noivo tá te esperando lá” e eu comecei a chorar que eu não queria descer aí meu pai falou assim “mas por que? Se você não gosta dele, não é porque você colocou aliança que você vai terminar, então você desfaz o noivado porque eu não quero ver você infeliz” e eu falei “eu quero entrar pra um convento” aí meu pai falou assim “mas você não tem vocação” e eu falei “tenho, quero entrar pra um convento”. Aí meu pai e minha mãe pegou e me levou numa senhora vidente, aí minha mãe não falou nada, ela só falou “eu quero que você olhe a minha filha” e a mulher falou “nossa, ela tá obsediada por uma freira”. Minha mãe falou “é, eu e meu marido já tínhamos percebido” minha mãe era de mesa branca. Quando a minha mãe punha a toalha na mesa eu saía correndo, eu subia, sabe, era um sobrado, eu subia e ficava lá, fechada no quarto. E aí minha mãe falou “o que que a gente faz pra ela?” e ela falou “ué, faz uma desobsessão, né” aí ela veio ajudar minha mãe em casa e quando eu vi meu pai colocar a toalha e eu já ia saindo e ele falou “não, hoje você fica” e eu comecei a chorar e ele falou “hoje você fica” e aí foi né, aí que eu comecei a acreditar, porque foi como tirar com a mão. Que sofrimento, viu! Você não tem noção, você não é mais você, você passa a viver aquele espírito, menina. Ela ficou tão obsediada a mim que eu não conseguia mais controle, não tinha mais controle. Fora os tique que eu tinha, né. Começou, sabe, tudo que ela tinha passou pra mim. Sofri muito, viu! Nossa, mas como eu sofri, porque, era assim uma obsessão que eu queria controlar e não conseguia, entendeu. Eu perdi até os sentidos, quando eu queria controlar eu perdia os sentidos.

É uma coisa assim, minha vida foi muito, assim, significativa pra chegar até lá, né. Aí, bom, aí minha mãe fazia mesa branca e ela veio e deu um nome de Soroclementina, ela se chamava, sabe. Mas foi tirar com a mão, aí eu casei, tudo né. Mas aí eu queria filho e não conseguia e meu irmão falou “vamos lá no centro, né, que a minha mulher conseguiu” era uma mesa branca, aí eu fui, cheguei lá, porque é uma mesa grande então todo mundo senta e as pessoas ficam dando passe. Quem ele achava que tinha que sair, saía, e o meu irmão falou que eu queria engravidar e não conseguia. Falou pra ele, aí ele falou você fica e você nunca vai engravidar, porque em outra encarnação você foi uma cigana prostitua e você fez muito aborto. Você imagina como eu sai de lá. Eu fiquei doente, sabe o que é doente, meu marido falou “ele é um charlatão, ninguém tem esse poder de fazer isso” nossa, o que o meu marido me trabalhou na cabeça, sabe. Aí o meu irmão falou assim “você precisa desenvolver, você desenvolvendo acaba tudo isso”. Aí eu fui desenvolver, e foi aí que começou a minha vida na umbanda. Ai eu fui pra

desenvolver na mesa branca e eu tava lá e eu senti meu corpo inteirinho adormecer, eu fiquei com medo, sabe. Aí eu comecei a chorar, né. Aí eu comecei a chorar, tremer, tremer, tremer, aí veio o seu Caboclo Ubirajara e jogou a cadeira longe. Eu nunca tinha entrado numa umbanda, não conhecia nada, sabe o que é nada. Não sabia nem o que era. Ele veio, jogou a cadeira longe e falou “aqui ela não fica” ele batia no peito e falava “aqui ele não fica” aí ele começou a bater boca com o homem, o dono do centro, o chefe lá “ela vai ficar sim e você não vai ficar” e ele falou “vamos ver quem tem força”. Ele falou pra ele “vamos ver quem vai ter força, aqui ela não fica”

Entrevistador: Era espírita kardecista que vocês estavam?

Sim. Quando eu voltei precisaram assoprar meu ouvido porque eu fiquei fora de mim, né. Aí voltei, eu vi que o chefe tava num nervoso, ele andava pra lá, pra cá, pra lá, pra cá. Eu falei “Meu Deus do céu, o que aconteceu?” Cadeira longe, meu irmão ficou abismado de ver, né. A sorte que tinha uma que ela também tinha um caboclo, e ela falou “D., você precisa desenvolver essa tua mediunidade o mais rápido possível” aí foi, aí eu comecei frequentar o centro da minha mãe de santo, sabe. E aí eu comecei, comecei, e como eu tinha, acho que a minha mediunidade se afluou tanto que eu pasei a ser a menina dos olhos dela, que ela falou, sabe. Ela, com pouco tempo ela falou “ah, você vai comandar os trabalhos” e eu dizia “pela amor de Deus”, sabe por que criou-se muita vaidade por causa das roupas, cada uma queria fazer o vestido mais bonito, né. Ai ela bateu pro meu santo, meu santo bolo que chama Bolaikai pai de cabeça. Eu fiz 21 dias de camarinha, sem ver meu marido nem nada, dormindo no chão. Aí um dia dentro da camarinha eu tive uma dor muito forte e desmaiei, naquilo que eu desmaiei ela me pôs na cama dela, ela pos Bezerra de Menezes, pos uma flor, acendeu uma vela e disse “fecha os olhos”. Eu apaguei até o dia seguinte, eu não consegui abrir os olhos no seguinte e falei “mãe, o que aconteceu?” ela falou “você foi operada pelo Bezerra” e eu falei “será, mãe?” e ela falou “foi”. Era uma dor que me dava, sabe, muito forte. Aí ela pegou, aí eu acordei, tudo, levantei, meu padrinho tava sentado na cozinha tomando café e eu passei pra ir no banheiro ela falou “é, vamos ter gente nova” eu falei “o que foi padrinho?” e ele falou “vamos ter gente nova” eu falei “ah paizinho, não brinca comigo né, você sabe que eu sofro né” ele falou “é”. Passou, quando veio a noite veio o menino dessa minha mãe de santo e ele chama de Samuel e a gente chamava ele de Samuca e ele falou “vamos ter gente nova”. Eu falei “como assim” e ele “você foi operada e vai engravidar” e eu falei “ah, né” aí comecei a chorar.

Entrevistador: Você não tinha engravidado antes?

Não. Aí eu fiquei 21 dias na camarinha, tudo, quando eu sai da camarinha em 1 mês, veio a menstruação e parou. Aí meu irmão passou em casa e eu falei assim “a minha menstruação veio e parou” aí ele pegou e pos meu nome no centro e o dono do centro falou “sua irmã tá com suspensão” fala pra ela tomar chá de folha de avenca e fazer escalda pé de areia. Aí quando ele ia saindo uma médium de lá falou assim “Ademir, fala pra ela não fazer nada disso, eu vi uma criança no colo dela” Aí meu irmão pegou e meu marido falou “não vai fazer nada disso, amanhã vou levar ela no médico. Você tá louco, desse charlatão eu não quero nada” Aí fui no médico, ele mandou esperar e fiquei grávida. Aí quando eu fui ter o neném, o Marcio, eu tive

ele às 6:30 eu sai 11:30 porque eu tive hemorragia. Eu tinha uma anemia e nada conseguia estancar o sangue. Você sabe que o médico falou pro meu marido “o que salvou ela foi a operação que ela fez no ovário”. Entreoovario e as trompas. Olha que comprovação, né. Que comprovação. Ai meu marido ficou né. Aí tive meu filho, tudo. Aí depois fui tentar voltar pro centro e foi o que aconteceu isso, aí depois nós abrimos o centro e começamos a trabalhar, né.

Entrevistador: O seu marido também?

Meu marido entrou na umbanda primeiro que eu, porque ele sabia que eu precisava e eu não tinha coragem de entrar. Aí ele entrou e eu ia e eu ficava na assistência. Aí um dia minha mãe falou que tava faltando cambona pra aquela médium, e ela falou “ajuda ela, né” e eu não queria entrar e ela “ajuda ela”. Aí eu fui lá e falei “eu te ajudo, mas não faz puxar nada em mim que eu não quero hein!” era o caboclo Treme Terra de Xangô. Aí foi indo, foi indo, aí veio, mas se aflorou de uma tal maneira, que sabe, todo mundo queria eu, mais do que todo mundo. De tanto que aflorou minha mediunidade. Quando foi pra gente abrir o centro eu falei “pai, a gente precisa ter uma segurança. Não é assim, a gente abrir o centro. A gente precisa ter uma segurança, vamos procurar algum pai de santo que sabe” porque eu não queria pedir pra minha mãe de santo. E ele lia muito livros do Nelson Cunha que eles falavam muito do candomblé. Aí nós fomos, ele tinha uma gira de preto velho, esperamos terminar, fomos falar com ele porque quando você faz cabeça você tem que buscar a tua nação, né. Qual nação teu santo pertence, e a minha foi de ketu. Aí ele falou “olha, você tem que cavar no centro 7 metros, enterrar um bicho, que eu nem lembro qual era, que era do santo, e enterrar sua digina” eu vim pra casa e falei “pai, se eu tenho a minha digina que é a minha nação, como é que eu vou enterrar?” aí teve um moço que meu marido tava descendo e o caminhão do lixo bateu no carro dele, meu marido tocou a campainha, olha como as coisas são, “olha, aquele caminhão eu peguei a placa” e o moço ganhou a causa e arrumaram o carro dele. Ai um belo dia ele veio no meu apartamento, ele falou “eu vim agradecer seu marido, trouxe uma garrafa de vinho” e meu marido ainda não tava e eu falei “você espera que ele já tá pra chegar” aí eu vi uma guia nele e eu falei “você frequenta algum centro?” e ele falou “frequento” e eu falei “você não queria dar o endereço pra mim?” e ele falou “eu levo a senhora lá, só que pra falar com o Seu Ditinho você leva 1 mês e meio porque ele é muito requisitado” e eu falei “não faz mal, eu espero né” aí nós fomos. A Maria já tava comigo, aí nós fomos, aí chegando lá ele, aí chegando lá eles marcaram 1 mês e meio eu tinha que esperar pra falar com ele. Aí eu falei “tá bom, pode por o meu nome que eu venho”. Aí era assim, era que nem o nosso, só que ele fechava a cortina quando começava atender. Ele abria os trabalhos e fechava a cortina. Ai todo mundo tinha que ir embora, né. Aí o meu marido falou “vamos embora” e eu falei “não, deixa eu ficar mais um pouco aqui que eu to rezando” e comecei a rezar e pedir se for pro bem que tudo de certo, que eu possa ter aqui uma ajuda, tal, e comecei a rezar, tudo de repente uma japonesa bate no meu ombro e fala “Seu Ditinho quer falar com a senhora”. Menina, eu entrei chorando pra falar com ele. Ele tava com baiano aí quando ele me olhou ele falou “por que que a filha tá nervosa?” e eu falei “to emocionada, né. Porque eu não imaginava que ia falar com o Sr. Hoje” e ele falou assim “a filha tá com medo de abrir centro com esse Caboclo Ubirajara?” olha, eu ajoelhei no chão e chorava que nem criança. Você não faz ideia, então foi uma prova muito forte. Ai eu contei pra ele e ele falou assim

“magina, você vai enterrar a sua digina, jamais!” aí ele falou pra cambona “fala pro meu cavalo atender ela domingo” e ele tinha uma fábrica de santo, aí no domingo eu fui, você tem que ver, um senhorzinho negro de uma humildade que era impressionante. Aí eu fui lá e falei “o senhor desculpa!” e ele falou “se o guia mandou, eu tenho que atender” e falou “filha, você fez cabeça, a tua mãe de santo cobrou mas ela não fez nada” e eu quero que você de uma obrigação, primeiramente eu tinha que ficar 24 horas deitada numa esteira comendo só canjica cozida na água, sabe. Nossa, foi dureza né. Ele falou “daí você abre o centro” e eu falei “e a segurança?” e ele falou “o ponto, você pede pro seu Exu dar o ponto de segurança dele e você manda fazer em ferro e voce coloca ele na porta, só isso, não precisa fazer mais nada” aí foi. Consegui engravidar do segundo, sabe. E foi assim, sabe. A minha iniciação. Aí foi de vento em polpa né, que eu me dedico demais até hoje, sabe. Pra mim aquilo lá é uma coisa muito sagrada, respeito demais. Ai, quando eu tava trabalhando o Seu Ubirajara veio duas moças, uma queria se matar e a outra não conseguia ficar de pé, aí o Seu Ubirajara falou “fizeram o santo errado, colocaram o santo do Exu nelas, quer dizer, do animal” e olha, não conhecia nada porque quando minha mãe falou que fez matança ela não levava ninguém atrás. Então eu não sabia que bicho era, ele falou “você tem lansã com Xangô e fizeram santo errado” e a outra queria se matar, puseram sangue de bode preto nela. Eles fazem a cartilagem, que chamam é uma cruz que eles abrem a cabeça, isso ela fez pra mim mas não derramou sangue, aí ela pegou, aí eu falei assim, aí o meu guia mandou levar no Seu Ditinho. Eu levei elas, ele saiu da fábrica e veio atender, aí elas contaram né, o que tinha acontecido, eu contei também, e ele pegou 2 rosários aquele de lágrimas de Nossa Senhora, bem simples, ele pegou a mão dela e fez assim “abre a mão” pegou o terço, colocou na mão dela, fechou, ele fechou os olhos, acho que ele rezou, não sei e disse “abre a mão” ela abriu a mão e ele falou “pega o terço” no que ela pegou tava em pedaços. Aí ele falou “você é de Xangô e lansã” e eu comecei a chorar. São as provas que a gente tem e a força vem cada vez mais. Eu acordo de madrugada e ele começa a me passar tudo, tudo, tudo, aí que eu tenho que acender a luz e escrever porque senão eu esqueço, você entendeu. Então tem muita coisa, que nem reunião, ele fala quando uma pessoa vai sair que eu nem imagino. Ele fala “essa pessoa vai sair” e ele me pega de madrugada pra falar a coisa. Mas vem como uma luva e quando foi pra mim abrir o centro ele não deixou que ninguém fizesse vestido, é uniforme, porque não pode existir vaidade. Então nós usamos uniforme.

E você pensa que eles não criam vaidade, criam. Tem um médium da casa que ele criou tanta vaidade que ele abriu o centro também e eu falei “se você precisar de ajuda, eu to aqui pra te ajudar”. Ele tem todo o direito de seguir outro caminho, não tem problema. Nessa parte eu sou muito séria, muito. “Mãe, eu vim aqui pra seguir outro caminho” e eu “Que Deus te acompanhe, seus guias, e se precisar eu to aqui”. Não vou te dizer que não tem ingratidões, tem. Há pouco tempo eu tive uma médium lá que me feriu demais, sabe. Mas a gente tem que saber levar, né. É gente que entra, é gente que sai, você percebe a vaidade, você sabe que aquele médium não é da umbanda, você percebe que ele tem outros patamares né. E o Seu Ubirajara alerta. Ele vem e fala “fulana vai sair” eu já fico triste e falo “será?” e dito e feito.

Entrevistador: Há quanto tempo você é umbandista?

Mais de 50 anos

Entrevistador: Você já trocou de terreiro?

Sim

Entrevistador: Você já frequentou mais de uma religião simultaneamente?

A católica e a espírita.

Entrevistador: Há um sermão inicial no seu terreiro? Você crê que isso seja similar ao catolicismo ou ao espiritismo?

Bastante, eu tenho todos os santos lá. Eu sou, assim, o santo que eu sempre peço é Santo Expedito, vou na igreja todo dia 19 agradecer a ele, que eu consegui muita graça com ele.

Há uma sequência para as giras? Existe alguma ordem?

Tem, Exu, por exemplo, é toda a última sexta-feira do mês. Porque a gente faz, você trabalhando as vezes você pega muita influência né. As vezes também você se compadece da pessoa, então aquilo lá vai, sabe, o médium vai trabalhando e vai ficando pesado, então o Seu 7, eu queimo a pólvora no final do trabalho que é pra descarregar todos os médiuns, sabe. Na mesa branca eles não fazem isso e muita gente fica doente, porque faz muito transporte e o transporte é desobsessão, você entendeu? Você tá fazendo uma desobsessão e eles tão contra você, você entendeu. Então o espírito ruim que tá ali atuando na pessoa, você tirou ele e ele passa a ficar com raiva de você e não da pessoa, entendeu. Então aquilo vai acumulando no médium, então toda a sexta-feira última a gente faz o descarrego de pólvora. Até a assistência se quiser participar, participa. Que é pra justamente, você sabe que a pólvora quando queima ela desloca toda a negatividade. Então é isso.

A sequência é assim, que nós trabalhamos com Caboclo de Oxossi, Caboclo de Ogum, Caboclo de Xangô, baiano, boiadeiro, marinheiro, criança, preto velho, então eu vou dando uma sequência, né. Por exemplo, num mês é tal linha, tal linha, vou passando todas elas, mas assim, eu começo com preto velho, vou indo com caboclo, tal. Aí depois eu volto outra vez que é pra atender todas as linhas.

Entrevistador: Qual o papel do Exu no seu terreiro?

É a força máxima, né. É a força máxima, porque todos os guias dependem do Exu, por que? Porque o Exu conhece todas as magias. E os guias as vezes não, então ele precisa do Exu pro Exu colaborar com ele.

Entrevistador: Você percebeu mudanças no comportamento dos Exus nos últimos 50 anos?

Não. Cada vez mais evoluído, o que a gente percebe pelos trabalhos dele que existe a evolução dos guias, não é sempre a mesma coisa, eles trazem muita coisa, e e os Exus também. Eles trazem muita sabedoria.

Entrevistador: Pratica-se quimbanda no seu terreiro?

Não

Entrevistador: Seu terreiro pratica ritos de sangue ou sacrifício animal?

Jamais.

Você vê alguma semelhança do terreiro com uma igreja católica?

Ah sim, porque nós temos todos os santos católicos lá. Santa Bárbara que é Iansã. Mamãe Oxum que é Nossa Senhora da Aparecida. O Santo Expedito é Ogum, São Jorge é Ogum. São Jerônimo, tem igreja de São Jerônimo que trabalha na linha de Xangô. É todo místico como a católica. Por isso que muita gente frequenta, sabe.

Entrevistador: Qual a sua opinião sobre a fusão entre o catolicismo e a umbanda? Por que dessa união?

Ah sim, porque eu acho que, você tem a igreja católica, quando você começa a frequentar a umbanda você vê uma força ainda maior que do catolicismo, sabe. É uma força maior, porque o esclarecimento é melhor. Quem faz o curso, a pessoa fica até abismada de ver.

Entrevistador: Você acha que tem fusão entre o candomblé e a umbanda?

Nada a ver. Tem a umbanda, a minha é umbanda branca, certo. Porque tem a umbanda que faz matança, tem a umbanda que trabalha com forças, com magia negra, sabe. Tem na umbanda. Candomblé ele é só feitura de cabeça pro filho melhorar, sabe. Ele não presta muito a caridade porque são poucos os guias que vem no candomblé. É mais dança, sabe. É o santo, é dança, eles são muita obrigação por santo, né. Agora a umbanda já é mais caridade.

Entrevistador: O centro que você frequenta é filiado a alguma Federação Umbandista?

Não e nem quero.

Entrevistador: Por que?

Porque você tem que pagar e eles exigem tudo do jeito deles. Que nem, nós vamos todo final de ano, dia de Iemanjá, dia 08 a gente vai pra praia, a gente arma o terreiro. A gente faz tudo. E a gente paga R\$ 700,00 pra Prefeitura pra você ter um espaço. A Federação não deixa ninguém ficar se não é filiada a ela, você entendeu. E a gente não é filiada a ela porque a gente sabe que eles usam de outros, de

outros rituais que a gente não concorda, sabe. Eles vão na praia vestido de Ogum com espada, isso é tudo visagem, porque eu acho que não tem nada que ver com o espiritismo, porque daí já entra a vaidade, entrou vaidade minha filha. Eles ficam bebendo na praia, tem gente que se veste de Iemanjá. Você acha certo isso? Eu não acho. Então a Federação é isso.

Entrevistador: Há algumas instituições religiosas que recebem isenção de impostos. No seu centro tem isenção?

Não, a gente cobra do médium, não da assistência, quando eles iniciam, a gente dá um questionário pra eles responderem, pra saber as normas da casa, como tem que seguir e tem que ajudar no aluguel.

Entrevistador: Mas impostos pra Prefeitura vocês não pagam?

A gente paga só quando vai pra praia.

Entrevistador: IPTU paga?

Sim, paga do aluguel. IPTU, água, luz.

Entrevistador: E todas as pessoas que a conhecem sabem que a senhora é umbandista?

Eu não escondo de ninguém. Eu tenho muito orgulho de ser umbandista.

Entrevistador: Você já sofreu algum tipo de preconceito em virtude da sua religião?

Principalmente dos evangélicos, né. Outro dia eu tava aqui com a roupa do centro e acho que a pessoa, ficou olhando, mas eu não to nem aí. Ficou olhando meio a contrário, mas eu não ligo não.

Entrevistador: Você acha que os católicos são preconceituosos com os umbandistas?

São. Mas hoje não é tanto, viu. Porque lá tem muito católico que frequenta lá. Muito católico que frequenta lá. Não é tão mais, e tem santo da igreja católica, entende. Ela fazia guia, que nem no Caboclo Ubirajara ela fez uma guia vermelha e verde, quando eu fui abrir o centro ele disse “eu não quero essa guia, ela não me pertence” aí ele mandou fazer do jeito que ele quis, ele quis aquela lágrima de Nossa Senhora e um dente. É uma guia comprida que tem 2 volta. O meu preto velho também não quis a guia que ela fez branca e preta, ele quis um rosário daquela madeira, né. É uma madeira né, mais escura, você entendeu. Então hoje os filhos a gente faz a guia que o guia pede, porque quando eles tão desenvolvendo a entidade vem e a entidade dá o ponto. O ponto tem que coincidir com o nome, a cor da guia tem que coincidir com a linha, aí quando é confirmado aí tem o batismo. O batismo nada mais é que a confirmação daquele guia, você entendeu. Então ele recebe o batismo e recebe a guia que ele pediu, entendeu. Porque ele trabalha com

essa cor e não com a que a minha mãe punha pra gente. Eu tive que fazer todas as guias, tudo de novo. Quando uma pessoa morre você tem que desmanchar a guia na cachoeira. Quando você é feita e tem a matança, tudo essas coisas, você tem que tirar a mão de vu, a mão de vu é a mão da mãe de santo que morreu. Aí veio duas no meu centro e eu falei “meu Deus, eu não sei”. E elas “aí eu preciso tirar a mão de vu porque eu não tenho sossego, eu não to dormindo” é uma coisa assim porque é sangue, né. Aí eu falei “Meu Deus, vou chamar o Ubirajara” aí menina ele veio e falou “deita as duas no chão” coloca a toalha em cima, aí canta-se o ponto pra subir a toalha e tirar aquela força da outra mãe. Mas elas choravam, muito, sabe. Porque a mudança foi bem satisfatória, né.

Entrevistador: Você acha que os espíritas são preconceituosos com os umbandistas?

Ah sim, você lembra que eu te falei que ele bateu boca com o Seu Ubirajara.

Entrevistador: E os candomblecista, a senhora acha que são preconceituosos?

Eles acham que eles são melhores que a umbanda, sabe. Eles acham que são melhores.

Entrevistador: Dentre essas religiões, os católicos, os espíritas e os candomblecistas, qual dessas religiões você já recebeu mais formas de preconceito dos praticantes?

São os próprios candomblé.

Entrevistador: Qual a senhora acha que é a razão de ainda existir preconceito com os umbandistas?

A razão eu acho que é a vaidade, porque existe muita vaidade na umbanda como no candomblé. No candomblé existe mais, é aquelas roupas, aquelas coisas, por isso que o Seu Ubirajara não quis, ele quis uniforme. A única coisa que ele distingue a linha é a fita, se é Ogum é uma fita vermelha, se é Oxossi é uma fita verde, se é preto velho é uma fita roxa, sabe. É isso que define.

Entrevistador: Desde que a senhora abriu o terreiro, já teve algum problema com a polícia, alguma repressão policial?

Não, graças a Deus. Nunca tivemos nada disso.